

# QUESTÕES PEDAGÓGICAS

## NOÇÕES DE NUMISMÁTICA (VIII).

(Continuação).

XX

### TESSEROLOGIA.

*Diferença entre as medalhas e as moedas. Outras peças monetiformes.*

#### CONCEITO DE TESSEROLOGIA.

Atualmente a Numismática tem o seu estudo melhor definido, porque já se classificaram em ramos independentes ciências que outrora formavam parte dela, como no caso das *medalhas* e *contos para contar*, que criaram a *medalhística* e a *tesserologia*, deixando à Numismática seu campo particular de estudo da moeda. Assim sendo, ocupa-se a *medalhística* das medalhas e sua descrição e a *tesserologia*, do estudo dos *contos*, *fichas*, *tentos*, *distintivos*, *senhas*, *emblemas*, *pesos monetários*, *ensaios de gravura*, *apólices*, *cédulas*, etc.

A *tesserologia*, que corresponde à *jetonistique* dos franceses, originou-se das peças antigas chamadas “têsseras”, peças de que os romanos se serviam para a obtenção de entrada em determinados jogos e convites para entrar em balneários, mas sem possuírem as “têsseras” um valor determinado como o da moeda.

O sábio dr. Leite de Vasconcellos, ilustre numismata português, designando a palavra *tesserologia* em razão de sua origem, colocou dentro desse estudo: *fichas*, *contos para contar*, etc., com exclusão das moedas e medalhas que formam outras especializações.

#### DIFERENÇA ENTRE AS MEDALHAS E AS MOEDAS. OUTRAS PEÇAS MONETIFORMES.

E' muito freqüente a confusão entre as palavras *moeda* e *medalha*, isto porque entre os povos antigos não havia distinção entre umas e outras, ora valendo como elemento de troca ou como peças artísticas e comemorativas, principalmente entre os gregos e os romanos e daí a razão de serem empregadas indiferentemente as palavras *medalha* ou *moeda* para a sua denominação.

Faz-se, pois, necessário definir estas duas expressões, empregando-as convenientemente. Vejamos o que nos diz a esse respeito, o douto Fr. Lenormant:

“*Moedas*, são peças de metal que, multiplicadas uniformemente em grande número, com um *valor* preciso, real ou fictício, com determinados tipos, pêsos e títulos, servem de meio universal de troca em relação a todos os outros valores.

*Medalhas*, são peças de metal que multiplicadas uniformemente *sem ter valor preciso* e sem reunir os caracteres conhecidos e determinados pelo título, pêsos e tipos, são destinadas a um fim comemorativo, religioso, artístico e premial”.

Foi hábito chamar *medalhas* a tôdas as peças monetárias vindas dos antigos tempos. Vejamos como se originou essa lamentável confusão.

A palavra *medalha*, absolutamente desconhecida na Antigüidade, foi tirada no século XVI do italiano *medaglia*. Esta última expressão a princípio era para os italianos sinônimo de óbolo ou meio dinheiro; a expressão italiana correspondia à palavra de baixa latinidade *medallia*, de onde *maille* em francês, por efeito de contração, equivalente à *mealha*, antiga e pequena moeda portuguesa de cobre do valor de meio dinheiro, lavrada no tempo de D. Afonso I (1120-1211).

As antigas peças italianas denominadas *mealha* ou *medaglia*, caídas em desuso e fora da circulação, passaram à designação de *medalha* e a despertar apenas um interesse de curiosidade histórica. Mais tarde, por uma extensão natural, usou-se da mesma denominação para tôdas as espécies de velhas peças e particularmente para aquelas que restavam da Antigüidade. E’ nos escritores do século XV que a palavra aparece com êste sentido na Itália e pela mesma época o cronista francês Filipe de Commines, autor das *Memórias dos reinados de Luís XI e Carlos VIII*, foi o primeiro a empregá-la em França, referindo-se às coleções numismáticas de Pedro de Medicis.

A *medaglia* ou *medalha* tornando-se assim no modo de falar, uma peça estranha à circulação, considerada somente no ponto de vista da arte ou da curiosidade, tomou naturalmente um novo sentido, isto é, a *medalha* passou a ser o molde padrão de peças fabricadas no século XV, destinadas a perpetuar fatos importantes ou a figurar como objeto de adorno, seguindo no entanto sua fabricação todo o processo da moeda, sem o caráter circulante com um valor legal. Assim se formou lentamente a concepção de *medalha* propriamente dita, monetiforme, mas distinta da moeda e cujo metal, tipos, pêsos e dimensões são ocasionais e arbitrários.

E’ nesse sentido que se procura saber se os antigos, ao lado de sua moeda corrente, tiveram medalhas sem caráter propriamente monetário.

E' de se notar que as sociedades antigas não deviam sentir tanto como nós a necessidade de cunhar especialmente medalhas comemorativas, com o intuito de conservar por seu intermédio a lembrança dos grandes acontecimentos. Os gregos e os romanos, salvo algumas exceções, não faziam distinção entre a medalha e a moeda. Para êles, umas e outras eram a mesma coisa; as suas moedas eram simultâneamente elementos de troca e peças comemorativas. Assim, quando êles queriam consagrar aos acontecimentos uma lembrança metálica, não havia necessidade de recorrer à fabricação de uma medalha destinada a ficar fora da circulação do numerário. Era pela própria moeda, de tipos os mais variados, que assegurava a memória do fato, nela colocando o desênho alusivo da consagração. Os dois caracteres se confundiam.

A Confederação Suíça procede ainda hoje do mesmo modo. A cada um de seus grandes tiros federais, em vez de uma medalha inútil, ela manda cunhar uma peça de 5 francos com novos cunhos e cujos tipos e inscrições lembram a circunstância excepcional que motivou a fabricação. Esta peça entra na circulação geral com o mesmo título das espécies monetárias semelhantes, com o mesmo pêso e trazendo a mesma marca de valor, podendo-se ao mesmo tempo conservá-la como lembrança. E' ao mesmo tempo uma moeda e uma medalha comemorativa. O mesmo se deu na Bélgica, sob Leopoldo I, por ocasião do casamento do duque de Brabante; cunhou-se uma peça de 20 francos com a effigie dêste príncipe, destinada a circular ao mesmo tempo como moeda e a guardar a memória do acontecimento.

Entre nós deu-se fato análogo em 1900, quando foram cunhadas moedas de prata nos valores de 4\$, 2\$, 1\$ e 400 réis, comemorativas do 4.º Centenário da Descoberta do Brasil, com tipos alusivos ao fato. Por ocasião do 1.º Centenário da Independência, em 1922, emitiu-se igualmente uma série de moedas comemorativas de 2\$, 1\$ e 500 réis; em 1932, cunharam-se as "vicentinas" comemorativas do 4.º Centenário da Colonização, seguidas depois pelas moedas comemorativas com as effigies de Caxias, Anchieta e outros.

A Alemanha tem procedido do mesmo modo, comemorando certos fatos históricos com a cunhagem de moedas com tipos e legendas alusivas aos mesmos. O mesmo acontece nos Estados Unidos, haja vista as moedas emitidas por ocasião da Exposição de São Francisco em 1872, da Exposição Universal Columbiana de Chicago em 1892, da Exposição de São Luís em 1903, as do 150.º aniversário da Independência Americana em 1926 e outras mais. A República do Uruguai lançou mão do mesmo processo, cunhando moedas especiais por ocasião do 1.º Centenário de sua Independência.

dência, em 1920. Portugal tem emitido moedas comemorativas, citando-se as do 4.<sup>o</sup> Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para as Índias, as do Centenário da Guerra Peninsular, as do 2.<sup>o</sup> Centenário do nascimento do marquês de Pombal em 1910 e da Batalha de Ourique, cunhadas em 1920. Outros países têm seguido a mesma norma, fazendo cunhar em suas moedas fatos de sua História.

Sem dúvida, certas moedas gregas de prata ou de ouro parecem à primeira vista, por suas dimensões e pêso, corresponder mais à aparência e às proporções de uma medalha, do que própria-mente a de uma moeda. Mas esta impressão é inexata. É fácil verificar por provas positivas, que os exemplares de grande módulo dos gregos, em vez de serem medalhas, representavam tamanhos monetários habitualmente usados na prática da circulação e no momento em que eram cunhadas.

Em compensação, na série imperial romana, encontram-se peças de ouro, de prata e de cobre reconhecíveis em geral por suas dimensões extraordinárias, que nunca foram moedas e que, conquanto fabricadas pelos mesmos processos que estas, tiveram um outro uso, um outro destino.

A estas é que em Numismática têm-se por costume designar, segundo suas proporções, pelo nome de *medalhões*, do italiano *medaglione* — grande medalha.

#### PIEFORTS.

Os *pieforts* franceses eram peças de metal, com a configuração idêntica das moedas, mas com um pêso quadruplo da moedagem então circulante e que serviam para galardoar altos funcionários e magistrados, por ocasião do lavramento de uma nova moeda. Estes exemplares eram dotados de uma serrilha que se apresentava às vezes estriada e outras com inscrições, sendo consideradas como as primeiras que apresentaram êstes caracteres, mesmo antes que qualquer outra peça até aí cunhada.

O Gabinete Numismático de França possui em suas coleções alguns dêstes raros e únicos exemplares. Neste país tiveram êles grande importância quando se cunhava pelo processo do *balancim*; seus cunhos trabalhados pelos “abridores gerais” e cunhados mecânicamente, destinavam-se a servir como *modelos* às peças a serem lavradas ainda pelo sistema do martelo.

Seu uso extinguiu-se com as primeiras emissões no reinado de Luís XIV; mais tarde ainda apareceram dois tipos dos *pieforts*, um dos últimos anos do reinado do Rei Sol, em 1710 e outro, um “duplo sol”, lavrado no reinado de Luís XV, em 1742.

Os *pieforts*, parece não terem sido mais do que simples ensaios monetários, pois que nunca foi emitida a série de moedas para as quais iriam servir de modelo.

#### JETON.

O *jeton*, originou-se do verbo “jeter” tomado no sentido comum de — lançar, jogar, atirar — porque para se calcular por êsse processo, lançavam-se sôbre a mesa estas pequenas peças de contar e daí a palavra *jeton* ser sinônimo de contar.

Primitivamente o *jeton* era uma peça monetiforme de metal, marfim, esmalte ou de qualquer outra matéria, chata, comumente redonda, outrora usada nas operações comerciais.

A expressão — falso como um jeton — provêm de se assemelharem por vêzes e de tal modo com as moedas, que os mais antigos quase se confundem com elas, sem embargo de todos êles terem sido tomados por moedas, nomeadamente nos séculos XVII e XVIII.

Na Idade Média foram os *jetons* muito usados para facilitar as operações aritméticas, posto que, até então apenas se conhecia e se usava a numeração romana, com a qual não se podia fazer contas.

Quando nos meados do século XVI, na Europa, se divulgou o conhecimento dos algarismos arábicos de que até hoje nos servimos, o *jeton* começou a perder sua utilidade de instrumento de cálculo e gradativamente se transforma em peça histórica.

O *jeton* francês, corresponde aos *contos para contar* dos portugueses, que tinham a mesma função e que eram chamados ainda de *contos de contar* e que em determinada “Aresmética” designava-se também por *nummus calculatorius*.

Não se sabe ao certo quando teve começo em Portugal a prática dos *contos*, parecendo que os mais antigos datam de D. Fernando, embora alguns julguem tenha seu uso sido introduzido no reinado de D. Diniz, o que levaria a crer que a sua adoção em Portugal dataria logo do começo da invenção dos *jetons* em França, nos meados do século XIII.

Para corroborar as funções a que se destinavam os *contos para contar* em Portugal, temos a explicação nas suas legendas:

*Contos para contar.*

*Dinheiros de contos.*

Em França e nos Países Baixos, os *jetons* dos séculos XIV e XVI, apresentavam legendas quase análogas às portuguesas:

*Compte bien et loyalment.*

*Jetez bien et comptez bien et gardez vous de me compter.*

*Jetoirs pour les compte en Brabant.*  
*Jetoirs des finance du duc (Borgonha).*  
*Jetoirs des gens des comptes.*  
*Jetoirs des gens des comptes a brux.*  
*Qui bien jetera son compte trouvera.*

Na Alemanha tiveram o mesmo emprêgo, denominando-se por isso “Recheupfennig”.

Os *jetons*, perdida a sua serventia, tiveram as legendas e tipos modificados de acôrdo com a utilidade que foi aos poucos adquirindo, de fichas de jôgo, gratificação ou simples objeto de curiosidade, confundindo-se com o “méreau” peça representativa de um valor, donde *jeton de presença*.

Depois do século XVIII transformou-se em peça análoga à medalha, sendo muitas vêzes difficil distinguí-lo e classificá-lo. E’ quando se denomina *jeton histórico*.

#### JETON HISTÓRICO.

O *jeton histórico* assemelha-se à medalha porque, como esta, é comemorativo; assinala os fatos importantes da vida de determinada pessoa ou determinado período; nascimento, casamento, coroação, morte, funeral, viagem, sucessos militares e diplomáticos, festas públicas. Reproduz nos seus tipos, retratos, brasões, monumentos, vistas de cidades, cenas humorísticas e da vida cotidiana, numa variedade surpreendente. E’ por isso precioso documento pará a história, a iconografia, a heráldica, a indumentária e pelas divisas e legendas, também para a literatura.

Na forma, diferencia-se da medalha aproximando-se da moeda, da qual muitas vêzes copia o tipo. Possui tôdas as características da moeda, módulo menor, relêvo mais fraco, menos espessura, círculo granitado, bordo com serrilha.

Henri de la Tour, bibliotecário do Departamento de Medalhas Antigas, da Biblioteca Nacional de França, autor do catálogo de *jetons* da mesma biblioteca, propõe que lhe seja dado um lugar à parte e de destaque na coleção numismática, pelo valor que reconhece nestas peças metálicas (60).

#### VALES METÁLICOS.

Os vales metálicos ou moedas particulares, eram constituídas por peças monetiformes de cobre ou latão, com o nome da Casa comercial que as emitia e o valor que representavam, ou ainda

(60). — *Catologue des jetons de la Bibliothèque Nationale — Rois et Reines de France* — Paris, 1897.

pedaços quadrangulares de cabedal grosso carimbados, com o nome da firma a que pertenciam, muitas vèzes adotados pela deficiência do meio circulante.

Como exemplo, as *fichas madeirenses* inventadas no final do século XVIII, tendo-se estendido o seu emprêgo por todo o século XIX, para suprir a falta de trocos que na ilha da Madeira então havia. Não há numismata brasileiro que não conheça as moedas particulares ou vales metálicos da mina do Morro Velho, da Mina do Monte d'El Rei, etc. Em todos os Estados do Brasil são conhecidos vales metálicos ou mesmo de papel, emitidos por particulares na falta de moeda divisionária. Exemplifiquemos: *vale um carroto, vale uma noite de trabalho* ou fichas para passagem de barca, como as da Companhia Inhomirim.

#### SENHAS DE PRESENÇA.

As senhas de presença correspondiam aos “*méreaux*” franceses e constituíam umas peças metálicas que eram entregues aos assistentes em determinadas reuniões, para serem trocadas pela quantia que cada qual deveria receber pela sua presença.

“Em fins do século XVIII, na Academia Real de Ciências, o seu primeiro presidente, D. João de Bragança, duque de Lafões, mandou fundir uma porção de peças de prata com emblemas científicos para se distribuirem aos sócios que assistiam as sessões, recebendo depois por cada um destes “*jetons*”, uma certa quantia, prática que acabou pelos Estatutos de 1852” (61).

#### SENHAS DOS AGUADEIROS.

Recordam o pitoresco abastecimento de água de outrora, quando não existia a canalização pública e o povo se via privado do precioso líquido, que era fornecido em pequenos barris, às costas dos “*aguadeiros*”: *vale um barril de água*.

#### PADRÕES — PESOS MONETÁRIOS.

Dentre as operações preparatórias para a amoedação, figurava a afinação do pêso da moeda que se fazia ainda no disco liso *antes de ser cunhado*. Assim, quer os discos proviessem do corte à tesoura para serem arredondados como antigamente se fazia, quer fôsem já um produto do “*sacabocados*”, tornava-se necessário fa-

(61). — Teixeira de Aragão, *Descrição Geral e Histórica das Moedas de Portugal*, vol. I, nota à pág. 245.

zer a sua afinação de pêso. Para tal, em vez de pesar cada moeda ou disco de per si, recorriam como pêso de comparação a umas peças rigorosamente talhadas para esse fim e, com o pêso exato que as moedas deveriam ter e por êle aferiam os discos monetários, pesos êsses a que os antigos chamavam *padrões* e que podem ser também designados por *padrões de pêso*.

#### PADRÕES MONETÁRIOS.

Remonta ao século XIII a notícia dos *padrões monetários*, cuja finalidade era a de garantir ao povo que a moeda se manteria sempre igual a êsses padrões e que não sofreria quaisquer alterações, como se poderia verificar comparando os espécimes correntes com êsses modelos oficiais, que correspondiam exatamente aos que haviam sido determinados inicialmente.

Êsses *padrões* eram, pois, moedas autênticas, correspondendo rigorosamente a tôdas às características que deveriam ter os exemplares dêsse lavramento, ou antes, dêsse tipo de moeda, enquanto não fôsem alteradas as condições do seu pêso e toque.

#### PESOS MONETÁRIOS.

A moeda antiga, uma vez em circulação, estava sujeita a poder ser alterada, isto é, ser cerceada devido a sua irregularidade, porque a serrilha ainda não havia sido inventada e introduzida no fabrico monetário; com o uso desta na moedagem, a alteração das peças tornou-se muito mais difícil.

Os pesos monetários foram inicialmente, como o seu nome indica, destinados a verificar por intermédio da balança, o pêso das moedas, nomeadamente as de ouro, o que era feito pelos cambiadouros ou cambistas nas operações cambiais e bancárias, determinando o valor das moedas, valor êsse cujos pesos correspondiam às moedas de seus países de origem.

Os pesos monetários eram peças metálicas gravadas numa ou em ambas as faces; de forma circular a princípio, tiveram depois o formato hexagonal ou quadrado.

Em França os mais antigos datam de Filipe VI (1273-1350) e alguns traziam legendas, como por exemplo: *pois de Laigniel franc a Pie*, ou o nome do cambista *Bertglin Lombart*.

Dada a grande aceitação que as moedas portuguesas, principalmente as de ouro, tinham nas côrtes estrangeiras, não é de se admirar que fôsem abundantes fora de Portugal, sobretudo na Flandres, os *pesos monetários* das moedas portuguesas, a que se juntam no século XVIII inúmeros de origem inglesa. Dentre ês-



tes havia os que designavam a moeda pela própria denominação portuguesa, muito embora deturpada. Assim, a moeda de ouro era designada por *moidore* e os seus submúltiplos, a meia-moeda e o quarto, respectivamente por *half a moidore*, e *a quarter of a moidore*. Outros ainda, declarando a sua função de pêso, tinham a legenda *one moidore weight*.

No que se refere ainda às moedas portuguesas, são conhecidos pesos monetários de procedência inglesa e italiana; os primeiros, cunhados em latão ou em cobre com a determinação do pêso em inglês, traziam algumas vezes as efígies dos reis D. João V ou de D. José I. Exemplo: Busto de D. João V, tendo em volta a legenda *ioannes port. rex* e por baixo a data; no verso, escrito em cinco linhas horizontais: *a — Portugal — piece of eighteen — shillings*. Esta era a equivalência à *dobra de 2 escudos*; na mesma proporção encontramos a *dobra de 8 escudos*, indicado por *a three pound twelve*.

Os segundos, de fabricação italiana, eram unifices, lavrados em latão e traziam a designação da moeda: *doppia lisbonina* ou *doppia portuga* e o escudo das armas portuguesas.

As apólices, notas e cédulas, representam a própria moeda feita de papel e assente no crédito.

Finalmente os *reclamos* em forma de moeda ou de medalhas que alguns colecionadores acrescentam às suas coleções, não passam de simples curiosidade, sem valor algum.

## NOÇÕES SÔBRE CRONOLOGIA.

Todos os conhecimentos humanos estão baseados em duas noções fundamentais: tempo e espaço. Embora não se possa definir o tempo, sem êle todavia não se pode situar os acontecimentos históricos, sem êle não existiria a História.

*Cronologia* é pois, a ciência que ensina a contar o tempo e seu nome deriva-se de duas palavras gregas, *chronos*, tempo e *logos*, discurso, significando: *discurso sôbre os tempos* ou *ciência das épocas*. O objeto pois, da *cronologia* é apresentar na ordem em que se sucederam, os acontecimentos pertencentes à História.

Por tempo compreendemos a duração sucessiva das coisas, medida pelo movimento e revolução aparente do sol. Divide-se em *éras, séculos, lustros, olimpíadas, anos, meses, semanas, dias, horas, minutos* etc.

A *cronologia* divide-se em:

- a) *Cronologia astronômica* ou *matemática*;
- b) *Cronologia histórica*.

A primeira tem por objeto a divisão do tempo em *anos, meses, dias, horas*, etc.

A segunda tem por fim pôr cada sucesso no tempo em que teve lugar.

*Fundamentos da cronologia astronômica* ou *matemática*. Consistem no conhecimento dos fenômenos celestes, pois foi, segundo as observações astronômicas, que se regulou a divisão do tempo.

*Fundamentos da cronologia histórica*. Existem no testemunho dos historiadores, nas inscrições antigas, medalhas, etc. Estas conservam a lembrança de uma infinidade de sucessos que, sem elas, seriam hoje ignoradas. O Egito, por exemplo, a Grécia e Roma, senhora por assim dizer do mundo conhecido dos antigos, nenhuma coisa fizeram de notável na paz ou na guerra, cuja representação não se conserve nas medalhas, etc.

## CRONOLOGIA ASTRONÔMICA.

*Dia* é o tempo que a Terra gasta no seu movimento diurno ou de rotação, isto é, sôbre o eixo. Consta de 24 horas.

O dia pode ser:

*Dia natural* ou luminoso;

*Dia astronômico*;

*Dia civil*.

*Dia natural* ou luminoso é o tempo que vai do nascer ao pôr do sol.

*Dia astronômico* é o espaço de 24 horas que compreende o dia e a noite e principia e acaba ao meio dia.

*Dia civil* conta-se desde meia noite até à meia noite seguinte. Os portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, etc., contam por *dia civil*, a começar da meia noite.

*Hora* é o tempo que a Terra gasta a percorrer quinze graus no seu movimento diurno ou de rotação, isto é, a vigésima quarta parte do dia. Divide-se em 60 *minutos*; cada minuto em 60 *segundos*; cada segundo em 60 *terços* ou *terceiros*.

*Semana* é uma divisão do mês e consta de 7 dias. A divisão dos dias em períodos setenários, esteve em uso desde a mais alta Antigüidade entre os egípcios, caldeus e judeus. A Bíblia dá a esta divisão a consagração da religião, aproximando dos dias da semana as diferentes fases da criação do mundo e especialmente consagrando o sétimo ao culto de Deus.

Os antigos gregos dividiam o mês em três décadas, cada uma das quais se compunha de dez dias; mas Pitágoras, segundo pretendem alguns, em relação aos 7 planetas então conhecidos, reduziu a semana a 7 dias, cujos nomes e significações se seguem:

Segunda-feira .....	Dies Lunae	... Dia da Lua
Terça-feira .....	Dies Martii	..... Dia de Marte
Quarta-feira .....	Dies Mercurii	.. Dia de Mercúrio
Quinta-feira .....	Dies Jovis	..... Dia de Júpiter
Sexta-feira .....	Dies Veneris	... Dia de Vênus
Sábado .....	Dies Saturnis	... Dia de Saturno
Domingo .....	Dies Solis	..... Dia do Sol

Os romanos contavam a princípio as semanas por *novenas*, isto é, 9 dias. Numa Pompílio, à imitação de Pitágoras, reduziu-as a 7 dias.

Os cristãos começam a semana pela segunda-feira, sendo o domingo para eles o *dia do descanso* ou do *Senhor*, em memória da Ressurreição.

Os judeus descansam no sábado, em memória da Criação do mundo.

Foi Constantino o primeiro que ordenou se guardasse o domingo em todo o Império; até aí, tanto os judeus como os cristãos da Igreja primitiva, guardavam o sábado.

*Mês* é a duodécima parte do ano. Os antigos árias dividiam os meses em dois períodos iguais. Os gregos dividiam cada mês em três períodos de dez dias. Os antigos romanos dividiam os seus meses em três partes a saber:

*Calendas;*  
*Nonas;*  
*Idos.*

Davam ao primeiro dia de cada mês o nome de *calendas*, que em grego significa *chamar, convocar*, porque os sacerdotes ou pontífices chamavam ou convocavam o povo nesse dia para lhe anunciar o dia da Lua e as principais festas do mês que principiava.

As *nonas* começavam nos dias 7 dos meses de março, maio, julho e outubro e no dia 5 dos outros meses, caindo, porém, sempre no oitavo dia antes dos *Idos*.

Os *Idos* começavam nos dias 15 dos referidos meses de março, maio, julho e outubro e no dia 13 dos outros meses. Segundo esta divisão dizia-se: *tal dia antes das Calendas, antes das Nonas* ou finalmente, *antes dos Idos*. Dêste modo, contava-se retrogradando.

Como os gregos não tinham *Calendas*, daí veio o provérbio que manda para as *Calendas gregas* as coisas que nunca têm de acontecer.

*Mês solar* é o tempo que a Terra emprega em descrever um signo inteiro na sua órbita, ou a duodécima parte do Zodíaco.

*Mês lunar*. Pode ser:

- a) *Mês lunar sinódico* ou *lunação*.
- b) *Mês lunar periódico*.

O primeiro é o espaço de tempo que decorre entre duas *conjunções* da Lua com o Sol, isto é, entre duas *Neoméias*, ou de Lua nova à Lua nova e consta, termo médio, de 29 dias, 12 horas, 44 minutos, 2 segundos e  $\frac{8}{10}$ .

O segundo é o tempo que a lua gasta a voltar ao mesmo ponto da sua órbita de onde partiu, isto é, aquêle que emprega em percorrer o Zodíaco. Este mês é de 27 dias, 7 horas, 45 minutos e 4 segundos, com muito pouca diferença.

*Ano* é o espaço de tempo que a Terra gasta a fazer a sua revolução à roda do Sol.

*Ano solar* ou *tópico* é o tempo que decorre desde o Equinócio até outro Equinócio, isto é, 365 dias, 5 horas, 49 minutos.

O *ano solar* divide-se em 4 estações, a saber:

*Primavera*

*Verão*

*Outono*

*Inverno*

**Ano lunar.** Consta de 12 *lunações* ou *meses sinódicos*, fazendo ao todo 354 dias e algumas horas. O *ano lunar* é usado pelos povos semitas: fenícios, árabes e judeus. Os gregos primitivos também o usaram. Os macedônios usavam o *solar* e o *lunar*.

Chama-se *ano lunar comum* aquêle de que acabamos de fazer menção e *ano embolístico* ou *intercalar* quando de três em três anos, consta de 13 *meses lunares* ou 384 dias.

Dá-se também o nome de *ano astronômico*, tanto ao *ano solar*, como ao *ano lunar*, para os distinguir do *ano civil*.

*Ano civil* é aquêle de que quase tôdas as nações se servem para contar o tempo e as idades e divide-se em: *comum*, de 365 dias e *bissexto* de 366 dias. Começa a 1.º de janeiro e termina em 31 de dezembro.

O ano civil dos egípcios era de 365 dias exatos, terminando 6 horas antes que o sol terminasse a sua revolução.

O ano civil dos romanos, estabelecido por Rômulo, aperfeiçoado por Numa e modificado pelos Pontífices encarregados de o manterem em concordância com o sol, foi reformado por Júlio César (*reforma juliana*), estabelecendo os anos bissextos de 4 em 4 anos, o que dava os anos médios de 365 dias e 6 horas.

#### NOMES E ETIMOLOGIA DOS MESES QUE COMPÕE O ANO CIVIL.

**Janeiro** (em latim *Januarius*). Deriva-se de *Jano*, antigo rei da Itália, a quem os romanos o haviam consagrado. Consta de 31 dias.

**Fevereiro** (*Februarius*). Deriva-se de *februlare*, que significa *fazer libações, purificar-se*, por isso que êste mês entre os romanos era consagrado aos sacrifícios expiatórios em honra dos defuntos. Tem 28 dias nos anos comuns e 29 nos bissextos. Êste dia que então se junta ao mês de fevereiro, chama-se *dia intercalar*.

**Março** (*Mars*). Rômulo deu-lhe êste nome, em honra de *Marte*, deus da guerra, de quem pretendia descender e sob cuja proteção pôs o povo romano. Tem 31 dias.

**Abril** (*Aprilis*). Deriva-se do latim *aperire*, que significa *abrir*, porque neste mês parece a terra abrir o seu seio para franquear seus tesouros. Alguns etimologistas o derivam da palavra grega *Afrodite*, que significa *Vênus*, deusa do amor e da fecundidade, a quem êste mês era consagrado. Tem 30 dias.

**Maio (Maius)**. Êste mês, segundo alguns autores, era consagrado a *Maia*, mãe de *Mercúrio* e segundo outros, aos *anciãos* e por essa razão era denominado: *mensis maiorus*, significando *mês das pessoas de idade provecta*. Esta opinião está fundada na divisão em duas classes feita por Rômulo entre o povo romano: os *anciãos* para o Conselho e os *moços* para a guerra, consagrando aos primeiros o mês de maio e aos segundos o de junho. Tem 31 dias.

**Junho (Junius)**. Deriva-se de *juvenes* ou *juniores*, que significa *pessoas moças*, por isso que êste mês era consagrado à *mocidade romana*. Alguns autcres pretendem que se derive de *Juno*. Tem 30 dias.

**Julho (Julius)**. Chamou-se a princípio *Quintilis*, por ser o quinto mês do ano de Rômulo. Deu-se-lhe depois o nome de *Julius*, em honra de Júlio César. Tem 31 dias.

**Agôsto (Augustus)**. No calendário de Rômulo, dava-se a êste mês o nome de *Sextilis*, por ser então o sexto do ano, nome conservado no tempo dos Reis e da República; porém, desde os princípios do Império Romano foi chamado *Augustus*, em honra do Imperador Augusto. Tem 31 dias.

**Setembro (September)**. Deriva-se da palavra latina *septem* ou *septimus*, que significa *sétimo*, porque era o sétimo mês do ano de Rômulo. Tem 30 dias.

**Outubro (October)**. Foi assim chamado da palavra latina *octo* ou *octavus*, que significa *oitavo*, por isso que êste mês, a princípio, era o oitavo do ano de Rômulo. Tem 31 dias.

**Novembro (November)**. Vem da palavra latina *novem*, que significa *nove* e era o nono mês de ano, como Rômulo o havia disposto. Tem 30 dias.

**Dezembro (December)**. Deriva-se da palavra latina *decem*, que significa *dez*, porque era o décimo mês do ano de Rômulo.

O ano dos gregos era complicadíssimo, *lunar* e *solar* ao mesmo tempo; desprezando frações de hora, estabeleceram 12 meses de 29 a 30 dias, dando um ano de 354 dias.

O ano civil dos muçulmanos é puramente *lunar*, isto é, de 12 meses, tendo alternativamente 29 e 30 dias.

Seja qual fôr o dia adotado para a abertura do ano importa que, entre o 1.º dia do ano e a época equinoxial seguinte, o número de dias decorrido seja constante.

Rômulo começou o ano a 1.º de março; Numa e César a 1.º de janeiro; Carlos Magno fixou o começo do ano como Rômulo. Desde o século XIII, por influência da Igreja, o primeiro dia do ano era um sábado de aleluia, o que dava variações no número de dias compreendidos entre duas Páscoas consecutivas. Carlos IX

de França, repôs o 1.º dia do ano em 1.º de janeiro. O govêrno da primeira República francesa resolveu bem racionalmente que o ano começaria no dia em que o sol ultrapassasse o ponto equinocial do outono e êsse dia, que era 22 de setembro de 1792, foi denominado: 1.º *vendimiário do ano primeiro da República*. O ano Gregoriano foi restabelecido em 1806.

Os judeus começam ainda o ano na Páscoa, contando que não seja nem domingo, nem terça, nem sexta-feira.

*Ciclo solar*, é um período ou uma revolução de 28 anos, no fim dos quais as *letras dominicais* ou que indicam o domingo e as que designam os outros dias da semana, se reproduzem (bem como as festas móveis) na mesma ordem que 28 anos antes.

Convém advertir que se deu a êste período o nome de *ciclo solar*, não porque o sol concorresse para essa revolução, mas porque os romanos chamavam ao domingo *Dies Solis* (Dia do Sol). Com efeito, êste ciclo serve para achar a *letra dominical* de cada ano.

*Letra dominical*. A palavra *dominical* deriva-se do latim *Dominus*, que significa *Senhor*; sendo o domingo o *Dia do Senhor*, chamaram-se *dominicais* as letras que servem para indicá-lo.

Na *Folhinha Eclesiástica*, *Breviário* ou *Calendário*, marcam-se os domingos de cada ano com algumas das 7 primeiras letras do alfabeto (A, B, C, D, E, F, G); convém frisar que ao 1.º de janeiro, corresponde a letra A, ao dia 2, a letra B e sucessivamente até a letra G, visto que estas 7 letras correspondem aos 7 dias da semana. Assim a letra que corresponder ao domingo, será a *letra dominical*.

*Ciclo lunar* é um período de 19 anos, no fim dos quais torna a ser Lua nova e Lua cheia nos mesmos dias em que o fôra 19 anos antes, com a diferença de hora e meia, pouco mais ou menos, por isso que o Sol e a Lua se acham novamente em relação à Terra nos mesmos pontos do céu que 19 anos antes. Deve-se ao astrônomo Meton a descoberta dêste *ciclo*.

*Áureo número*. Deu-se êste nome ao número que indica o ano do *ciclo lunar*, ou porque os atenienses o gravavam em letras de ouro num lugar público para uso dos cidadãos, ou porque nos seus calendários o marcavam com letras de ouro. O *áureo número* foi introduzido no calendário no tempo do Concílio de Nicéia, no ano 325 de nossa éra, para indicar os dias da Lua cheia.

*Epacta* é a idade da Lua no fim do ano precedente, ou o número de dias decorridos desde a última Lua nova até ao fim de dezembro. Dizendo-se por exemplo que o ano de 1855 teve 12 de *Epacta*, entende-se que a Lua tinha 12 dias quando o mesmo começou.

A *Epacta* provém, pois, do número de dias que o *Ano solar comum* excede o *Ano lunar*.

A *Epacta* de cada ano acha-se sempre indicada em letra de conta romana no princípio da *Folhinha do Calendário*. A Igreja serve-se da *Epacta* para achar o dia da Lua nova, a idade da Lua, o dia de Páscoa e regular as festas móveis. Hoje, porém, têm os astrônomos outros meios de o conseguir com maior exatidão, sem recorrerem a teoria das *Epactas*. O Tratado de Astronomia de Delambre encerra a tabela que dá imediatamente o dia da Páscoa em função da *letra dominical* e da *Epacta*.

*Século* é o espaço de 100 anos, isto é, de 100 revoluções da Terra à roda do Sol. O primeiro século depois do nascimento de Jesus Cristo durou desde o ano 1 até 100 inclusive; o segundo século, desde 101 até 200, etc.; por conseguinte, desde o ano de 1801, por exemplo, estamos no século dezanove, que duraria até ao ano de 1900 inclusive, quando passamos a denominar daí em diante século vinte.

*Indicção* era uma revolução de 15 anos *julianos* completos que estava em uso entre os romanos e que ainda se aponta nos calendários ou folhinhas. A palavra *indicção*, significava um tributo que os mesmos romanos percebiam todos os anos nas Províncias debaixo do nome de *Indicio tributaris*, para a subsistência dos soldados e particularmente daqueles que tinham servido o Estado pelo espaço de quinze anos. No tempo dos últimos imperadores romanos, empregou-se este termo para significar simplesmente um espaço de quinze anos.

*Lustró* é um espaço de cinco anos. Vem da palavra latina *luere* que significa *pagar*, porque no princípio de cada quinto ano pagava-se certo tributo e fazia-se o recenseamento dos cidadãos romanos.

*Olimpíada* (do lat. *olympias*, do gr. *olumpias*). Era o espaço de quatro anos, assim chamado, dos jogos olímpicos que os gregos celebravam de quatro em quatro anos perto da cidade de Olímpia, na Élida, em honra de Júpiter. Estas festas consistiam em diferentes exercícios, como a luta, às corridas a pé, em carros, a cavalo, etc. e duravam cinco dias. Com o auxílio dos testemunhos dos autores, fragmentos de listas encontradas nos mármorees ou papiros, pode-se reconstituir quase tôda a série dos olímpionicos. Esta lista popularíssima na Antigüidade grega, tinha-se tornado a base da cronologia internacional. O ponto de partida de todo o sistema era a vitória de Coroebos, em 776 a. C. Era o ano da primeira olimpíada.



O ano olímpico começava em julho; para converter as olimpíadas em anos anteriores à era cristã, multiplica-se por quatro o número das olimpíadas passadas, juntam-se-lhe os anos que decorreram da olimpíada e subtrai-se do total 776.

O cômputo por olimpíadas que aparece no século VI a. C., mas que entrou inteiramente em uso no comêço do período alexandrino, foi empregado nos países gregos até ao fim do século IV da nossa era.

*Mármore de Arundel.* Estes preciosos monumentos da cronologia eram umas táboas de mármore na qual estavam gravadas as primeiras épocas da História da Grécia, desde Cecrops, o fundador do reino de Atenas, até ao arconte *Diognelo*, compreendendo uma série de 1318 anos, isto é, desde o ano 1582 até 264 a. C.

Tendo sido encontrados na ilha de Paros, na Grécia, foram comprados no princípio do século XVII por Lord Howard, conde de Arundel e por essa razão passaram a ser chamados *Mármore de Arundel*. Com as guerras que perturbaram a Inglaterra, uma boa parte dessas preciosidades caíram em mãos de leigos e o que escapou foi depositado na Bibliotheca de Oxford, fazendo parte do que denominam *Mármore de Oxford*.

O sábio Selden, escreveu uma obra intitulada *Marmora Arundeliana, cum aliquot inscriptionibus veteris Latti*, impressa em Londres em 1628. O dr. Humphrey Prideaux, inseriu a obra de Selden, na que intitulou *Marmora Oxoniensia*. Oxford, 1676.

#### ZODÍACO.

Chamam-se *signos de zodiaco* ou simplesmente *signos*, as doze divisões iguais em que é repartida a zona do céu chamada zodiaco por grandes círculos perpendiculares à eclíptica.

Encontrou-se nos monumentos da Antiguidade, particularmente no Egipto e na Índia, um certo número de zodiacos interessantes sob o ponto de vista arqueológico, porque poderiam ter nelles próprios a data da sua construção, supondo que tenham sido construídos com exatidão e precisão. O mais célebre é o zodiaco de Denderah (62), hoje pertencente à Bibliotheca de Paris e cuja data de construção levantou violentas contravérsias. Célebres, são também

(62). — Denderah. Povoação do Alto Egipto, na margem esquerda do Nilo, ao lado das ruínas da cidade de Tentyra dos geógrafos greco-romanos e capital de Aiti. Esta localidade era consagrada a Hâthor e o templo da deusa era um dos mais antigos do país, restaurado e aumentado por Kheops, Thutmosis III e Ramsés II. O templo actual, data da época dos Ptolomeus e foi em grande parte decorado no domínio dos primeiros Césares romanos. O famoso zodiaco circular que suscitou tantas contravérsias foi transportado para Paris no princípio do século XIX e está na Bibliotheca Nacional.

Este templo desentulhado por Mariette (1860-1870) é hoje completamente acessível.

os zodíacos dos templos de Esné, de Palmira, etc. O zodíaco também aparece num certo número de moedas antigas e em esculturas de igrejas góticas.

O zodíaco é provavelmente de origem babilônica e as figuras parecem ter sido baseadas na semelhança das linhas que ligam as estrelas nas constelações zodiacais com certos desenhos que formam o substratum dos alfabetos cuneiformes assiro-babilônicos e os ani-

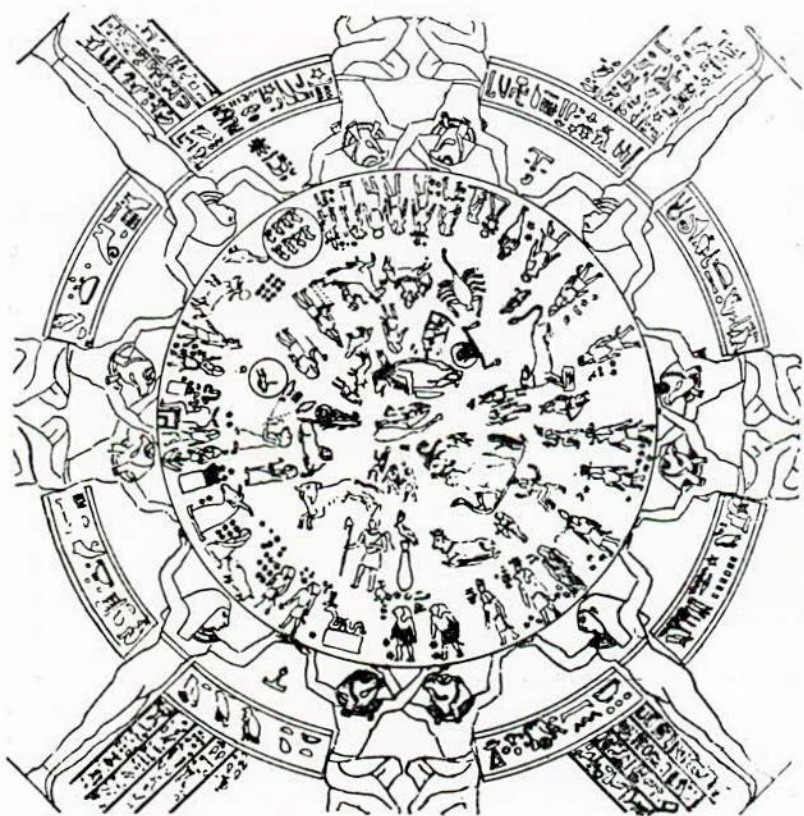


Fig. 75. — Zodíaco egípcio de Denderah, em que se vêem os símbolos zodiacais até hoje conservados pela tradição.

mais foram escolhidos por razões animísticas. Os signos do zodíaco foram levados de Babilônia para a Grécia, de onde se espalharam pela Europa.

De uma maneira geral pode-se dizer que a *Elíptica* está dividida em doze partes iguais ou *casas* por onde passa o sol, cada

uma marcada por uma constelação e por sinais antiquíssimos, os quais correspondem aos 12 meses do ano.

- 1 — *Aries*, o Carneiro, que corresponde a março
- 2 — *Taurus*, o Touro, que corresponde a abril
- 3 — *Gemini*, os Gêmeos, que corresponde a maio
- 4 — *Cancer*, o Caranguejo, que corresponde a junho
- 5 — *Leo*, o Leão, que corresponde a julho
- 6 — *Virgo*, a Virgem, que corresponde a agosto
- 7 — *Libra*, a Balança, que corresponde a setembro
- 8 — *Scorpio*, o Escorpião, que corresponde a outubro
- 9 — *Sagittarius*, o Sagitário, que corresponde a novembro
- 10 — *Capricornius*, o Capricórnio, que corresponde a dezembro
- 11 — *Aquarius*, o Aquário, que corresponde a janeiro
- 12 — *Pisces*, os Peixes, que corresponde a fevereiro.



Fig. 76. — Os signos do Zodíaco.

Várias explicações têm sido dadas sobre a origem e significado dos seus hieroglifos e símbolos, algumas materialistas e outras metafísicas, sem que, entretanto, tenham os sábios chegado a uma conclusão sobre a matéria.

#### CRONOLOGIA HISTÓRICA.

A cronologia histórica é a que estuda as divisões do tempo aceitas e seguidas pelos vários povos e nações, determinando as datas dos acontecimentos históricos, segundo os elementos de que dispõe.

Essas divisões são as seguintes:

- a) *Éra*
- b) *Calendário*
- c) *Período*
- d) *Épocas*.

*Éra* ou *época*. Significa um ponto ou tempo fixo assinalado na História por algum acontecimento memorável e desde o qual se começam a contar os anos.

A História nos ensina que têm havido muitas éras diferentes, isto é, muitas épocas pelas quais os povos principiaram a computar os anos.

*Éras primitivas*. Egípcios, babilônicos e persas, deixaram-nos muito poucas informações sobre as suas éras civis. Os tempos históricos, segundo Heródoto, são muito fabulosos para poderem servir de base; mas um acontecimento que, sob o ponto de vista cronológico, pode servir de base, é a submissão do Egito pelos persas, 526 anos antes de nossa era; para os babilônios, temos a tomada de Jerusalém por Nabucodonosor em 597 a. C.; para os persas, a tomada da Babilônia por Ciro em 536 a. C. e a destruição deste império por Alexandre em 328 a. C.

*Éra dos judeus*. Os ciclos de *sabats* e de jubileus permitiam aos judeus dispensar a era: contavam por vezes desde a sua saída do Egito, 1483 ou 1648 a. C., os reinados de seus reis, o cativo da Babilônia, em 597 a. C., a construção do segundo templo, em 508 a. C., a sua libertação pelos Macabeus (143 a. C.); desde o século XI, a sua era começa na Criação do mundo.

*Éra dos chins*. É uma era não por anos consecutivos, mas cíclica, como a das olimpíadas; o ciclo é de sessenta anos. Este costume, com algumas regras particulares para as mudanças de reinado, parece remontar a 3.000 a. C.

*Éra de Nabonassar, rei da Babilônia*. Os cronólogos fixam esta era em 26 de fevereiro do ano 747 a. C.

*Éra dos gregos.* Data da 1a. olimpíada, 776 a. C. Quando se designa pelas olimpíadas o tempo em que um acontecimento teve lugar, diz-se no primeiro, segundo ou no terceiro ano de tal olimpíada. A 294a. olimpíada que foi a última, corresponde ao ano 400 de nossa éra.

*Éra dos selêucidas* ou do reinado do grande Selêuco, importante para a história da Ásia. Os macedônios começam a contar os seus anos, em 311 a. C.

*Éra dos romanos.* A éra da fundação de Roma é de uma determinação difícil, Tácito fixa-a em 762 a. C., Políbio em 769, Varrão em 754, Catão e Dionísio de Halicarnasso em 752, Fábio Pictor em 747, etc.: a cronologia moderna em 753 antes de nossa éra. A *éra dos cônsules*, baseada nos *Fastos consulares*, não é de irrepreensível precisão e fixa-lhe a origem do ano 245 de Roma ou 509 a. C.

*Éra cristã, éra de Jesus Cristo* ou *éra vulgar.* Conta-se desde o nascimento de Jesus Cristo. A Igreja Romana fixa êsse acontecimento no dia 25 de dezembro de 753 da fundação de Roma.

*Éra de César* ou *hispânica.* Esta éra começou a ser contada no ano de Roma 715, isto é, 38 a. C., quando a Espanha foi conquistada e sujeita à obediência de Júlio César.

*Éra de Diocleciano* ou *éra dos mártires*, usada pelos cristãos dos primeiros séculos em memória da grande perseguição da Igreja; data do ano 300 segundo alguns autores ou 302 da éra cristã.

*Éra da paz da igreja.* Conta-se desde o ano 312 da éra vulgar, em que Constantino professou a religião cristã.

*Éra dos maometanos* ou *hégira*, parte de sexta-feira, 16 de julho de 622 da nossa éra, seguida por todos os povos muçulmanos, foi estabelecida para conservar a recordação da época em que Maomé, obrigado a sair de Meca, se refugiou em Iatreb (Medina).

*Éra republicana*, a mais recente, foi a que durou menos tempo. Pelo relatório de Romme de 20 de setembro de 1793, a Convenção decretou em 3 de outubro que a éra dos franceses se contasse desde a fundação da República, efetuada a 22 de setembro de 1792. A éra republicana durou 13 anos e 100 dias. O Senado aboliu esta instituição por um senato-consulta de 22 fructidor do ano XIII e o 10 nívose do ano XIV foi imediatamente seguido do 1.º de janeiro de 1806, quando Napoleão I restabeleceu em França o antigo calendário cristão.

Baseado no sistema decimal, o ano era dividido em 12 meses de 30 dias com 5 complementares ou *epagómenos* nos anos comuns e 6 nos bissextos. Em vez de semanas, o mês tinha três dé-

çadas. O dia era dividido em partes iguais e cada parte em outras dez. Os nomes dos meses eram os seguintes:

- 1.º — *Vindimário*, mês das vindimas, de 22-9 a 22-10
- 2.º — *Brumário*, mês das brumas, de 23-10 a 21-11
- 3.º — *Frimário*, mês do frio, de 22-11 a 21-12
- 4.º — *Nevoso*, mês da neve, de 22-12 a 20-1
- 5.º — *Pluvioso*, mês da chuva, de 21-1 a 19-2
- 6.º — *Ventoso*, mês do vento, de 20-2 a 21-3
- 7.º — *Germinal*, mês da germinação, de 22-3 a 20-4
- 8.º — *Floreal*, mês das flores, de 20-4 a 21-5
- 9.º — *Prarial*, mês dos prados, de 21-5 a 19-6
- 10.º — *Messidor*, mês das messes, de 20-6 a 19-7
- 11.º — *Termidor*, mês do calor, de 20-7 a 18-8
- 12.º — *Frutidor*, mês dos frutos, de 19-8 a 21-9.

Os dias eram designados por:

Primidi  
Duodi  
Tridi  
Quartidi  
Quintidi  
Sextidi  
Septidi  
Octidi  
Nonidi  
Decadi.

*Modo de contar os anos.* Desde a Criação do Mundo até ao nascimento de Cristo, conta-se por *Anos do Mundo* ou *Ano antes de Jesus Cristo* e daí por diante, por *Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

O mundo, segundo a Vulgata (tradução da Bíblia em latim, aprovada pela Igreja), existia havia 4004 anos, quando Jesus Cristo nasceu.

*Computação dos anos pelo nascimento de Jesus Cristo.* O abade Dionísio-o-Pequeno, assim cognominado em razão de sua pequena estatura e que viveu em 527, no tempo do Imperador Justiniano, foi quem introduziu o uso de computar os anos pelo do *Nascimento* ou *Encarnação de Jesus Cristo*. Até então, a maior parte dos cristãos contava os seus anos, ou desde a fundação de Roma, ou segundo a ordem dos cônsules ou imperadores, ou ainda conforme os povos entre os quais viviam.

Os portugueses começaram a contar os anos pela época do nascimento de Cristo, desde 1420, quando o rei D. João I, ordenou que deixada a *éra de César*, se contasse pela *éra Vulgar*.

CALENDÁRIO.

*Calendário.* Deriva-se da palavra *calenda*. É' a tábua ou livro que contém a distribuição do tempo acomodada ao uso da vida, indicando a ordem dos dias, das semanas, dos meses, das festas, etc.

*Calendário romano.* Rômulo, primeiro rei de Roma, dividiu o ano em 10 meses somente, fazendo ao todo 304 dias a saber: março, 31 dias; abril, 30; maio, 31; junho, 30; quintilis, 31 (os nomes de julho e agosto substituíram depois os de *quintilis* e de *sextilis*); sextilis, 30; outubro, 31; novembro, 30 e dezembro, 30 (63).

*Ano de Numa Pompilio*, segundo rei de Roma. Reconhecendo êste os inconvenientes da divisão do ano como Rômulo havia disposto, aumentou-o com os meses de *janeiro* e *fevereiro* e eis aqui a duração de cada um dos 12 de que então se compunha: janeiro, 29 dias; fevereiro, 28; março, 31; abril, 29; maio, 31; junho, 29; quintilis (julho), 31; sextilis (agosto), 29; setembro, 31; outubro, 29; novembro, 29 e dezembro, 29, ao todo 355 dias.

*Calendário ou ano Juliano.* É' assim chamado de *Júlio César*. Vendo êste que o *Calendário Romano* ainda era vicioso e tendo consultado o insigne astrônomo *Sosígenes*, de Alexandria, cuja opinião era que o *Ano solar* constava de 365 dias e 6 horas exatas (quando na realidade tem 11 minutos menos), fêz o *ano civil* de 365 dias e ordenou que, de 4 em 4 anos, com as 6 horas completas que supunha excederem a cada ano, se formasse um *dia intercalar* que se acrescentaria ao mês de fevereiro, ficando então êste com 29 dias e êsse *ano*, que os romanos denominaram *bissexto*, com 366. A êste calendário assim reformado, que se começou a pôr em prática 45 anos antes de Cristo, chama-se também *antigo estilo*.

*Correção gregoriana ou novo estilo.* Reconheceu-se com o tempo que o *ano solar* se compunha de 365 dias, 5 horas e 49 minutos e que em cada ano, segundo *Júlio César*, se contavam de mais 11 minutos. Por esta razão, tendo sido fixada a Páscoa em março, dia do Equinócio da Primavera, pelo Concílio de Nicéia, celebrado no ano de 325 da éra cristã, já no Pontificado de *Gregório XIII*, esta festa tinha-se antecipado 10 dias e com ela todo o ciclo das festas móveis. Mandou, pois, aquêlê Papa, em 1582, que o dia 5 de outubro fôsse chamado '15, a fim de restituir o Equinócio vernal ou da Primavera aos 21 de março que então caía a 11 do mesmo mês e que dos anos seculares que até ali eram todos bissextos, só o fôsse um em cada período de 400 anos, isto é, que em cada 400 anos se tirassem 3 bissextos; por isso que os 11 minutos de mais, faziam

(63). — Êste ano tinha 50 dias menos que o *Ano lunar* e 61 que o *Ano solar*.

3 dias no espaço de 400 anos, com pouca diferença. A esta *Correção*, dá-se também o nome de *calendário gregoriano*.

*Diferença entre o antigo e o novo estilo.* E' de 12 dias; assim 17 de janeiro, segundo o *antigo estilo*, corresponde a 29 do mesmo mês, no *novo estilo*.

*Povos que seguem o antigo estilo.* Os russos e os cristãos do rito grego, foram os únicos que na Europa conservaram o *Calendário juliano*. Era, pois, uso na correspondência com aquêles povos, indicar as duas datas dêste modo: 17-29 ou 17-29 de janeiro, isto é, segundo o *novo* e o *antigo estilo*.

*Povos que seguiram a correção gregoriana.* Todos os Estados católicos; os protestantes, porém, não a aceitaram senão em 1751 e 1752.

*Calendário positivista.* Em 1849, o filósofo Augusto Comte inventou o chamado *Calendário Positivista*, de simbolismo humano; o ano dividia-se em 13 meses de 4 semanas e 28 dias cada um, o que perfazia a soma de 364 dias; a êsses acrescentava-se um *dia complementar* dedicado à Comemoração Universal dos Mortos e nos anos bissextos um dia adicional, consagrado à Festividade Geral das Mulheres Santas.

Os dias da semana, ao princípio, eram denominados:

- 1.º — *Maridi*, consagrado ao casamento
- 2.º — *Patridi*, consagrado à paternidade
- 3.º — *Filidi*, consagrado à filiação
- 4.º — *Fratridi*, consagrado à fraternidade
- 5.º — *Domidi*, consagrado à domesticidade
- 6.º — *Matridi*, consagrado à maternidade
- 7.º — *Humanidi*, consagrado à humanidade.

Os meses são os seguintes:

- 1.º — *Moisés*, consagrado à Teocracia Inicial
- 2.º — *Homero*, consagrado à Poesia Antiga
- 3.º — *Aristóteles*, consagrado à Filosofia Antiga
- 4.º — *Arquimedes*, consagrado à Ciência Antiga
- 5.º — *César*, consagrado à Civilização Militar
- 6.º — *São Paulo*, consagrado ao Cristianismo
- 7.º — *Carlos Magno*, consagrado à Civilização Feudal
- 8.º — *Dante*, consagrado à Epopéia Moderna
- 9.º — *Guttenberg*, consagrado à Indústria Moderna
- 10.º — *Shakespeare*, consagrado ao Drama Moderno
- 11.º — *Descartes*, consagrado à Filosofia Moderna
- 12.º — *Frederico*, consagrado à Política Moderna
- 13.º — *Bichat*, consagrado à Ciência Moderna.

Como se vê, todos os dias se destinam a celebrar grandes vultos da humanidade, de acôrdo com o período e os fatos referentes ao mês:



## PERÍODOS.

*Período.* Esta palavra, além de outras significações, exprime também o tempo que medeia entre duas épocas; assim, o espaço de tempo que decorreu desde a Criação do mundo até ao Dilúvio é um *período*. Existem diversos *períodos*, quase todos trazendo os nomes de personalidades ou fatos que lhes deram origem. Só nos ocuparemos, entretanto, do *período juliano*.

*Período juliano.* É assim chamado porque foi adaptado ao calendário de Júlio César. Quem o inventou foi Scaliger, para conciliar as diferentes opiniões dos cronólogos sobre a duração do tempo decorrido desde o princípio do mundo e tornar mais fácil a redução dos anos de uma época aos de outra qualquer. Pretendem alguns que até ao nascimento de Cristo, só se devem contar 4004 anos; outros dão maior extensão a esse espaço, aumentando o número de anos que o mede. Esta variação, porém, desaparece quando se usa o período juliano.

*Divisão do tempo em duas partes.* A primeira compreende todo o tempo que decorre da Criação do mundo até ao nascimento de Cristo, isto é, 4004 anos. Este é propriamente o que se chama *tempo do Velho Testamento*, em cuja larga duração se fundaram e arruinaram os três grandes Impérios dos assírios, persas e gregos, que precederam o dos romanos.

A segunda parte abrange todo o tempo decorrido desde o nascimento de Cristo até o presente. Neste espaço de tempo se acha incluído tudo quanto aconteceu no Império Romano, no do Oriente, do Ocidente e em outros Estados da Europa, Ásia, África e América.

### *Divisão que alguns cronólogos fazem do tempo decorrido desde o princípio do mundo.*

*Tempo obscuro e incerto.* É o que decorre desde a origem do gênero humano até ao Dilúvio, acontecido na Ática, no reinado de Ogiges, pelos anos do mundo 2208 e 1796 antes da era vulgar. Chama-se assim, porque se ignora a história de quanto sucedeu naquele espaço de 22 séculos.

*Tempo fabuloso.* Começa desde o Dilúvio de Ogiges e continua até às Olimpíadas, isto é, até o ano 3228 do mundo e 776 antes da era vulgar. Chama-se fabuloso porque tudo quanto os historiadores profanos referem daquele tempo, é confundido com muitas fábulas. O que se conta pois dos *Argonautas*, de *Ulisses*, *Helena*, *Hércules*, etc., é quase tudo devido à invenção dos poetas.

*Tempo histórico.* Começa nas Olimpíadas. Chama-se *histórico*, porque só depois das Olimpíadas é que resplandece na História a verdade das coisas sucedidas.

DIVISÃO DO TEMPO SEGUNDO OS POETAS ANTIGOS.

Dividiram-no em quatro *idades*:

- I — *Século* ou *Idade de ouro*;
- II — *Idade de Prata*;
- III — *Idade de Bronze*;
- IV — *Idade de Ferro*.

*Idade de ouro.* Atribui-se ao reinado de Saturno porque, dizem os poetas, nesse tempo reinava a paz e a terra produzia sem ser cultivada; reinava também *Astréia* ou a justiça e tudo entre os homens eram comum. Os mesmos poetas fazem durar esta *idade* até ao tempo em que *Saturno* foi lançado fora do seu reino.

Pelo que se conclui, a *idade de ouro* significa a inocência de Adão e de sua mulher, até serem expulsos do Paraíso terrestre, onde encontravam sem cansaço o que lhes era necessário.

*Idade de prata.* Refere-se ao reinado de *Júpiter*, a quem Virgílio acusa de haver introduzido peçonha nas serpentes e mandado os lobos e outras feras fazer guerra aos homens. Então não produzia a terra sem ser cultivada.

Esse tempo significa aquêlê em que Adão e Eva perderam a sua inocência, sendo os primeiros frutos que colheram do pecado, o trabalho e a dor.

*Idade de bronze.* Principia na época em que os homens se levantaram uns contra os outros, isto é, no tempo da sua corrupção e no qual tivera lugar o *Dilúvio de Deucalião*, rei da Tessália, em que *Júpiter*, para castigar os homens, os submergiu, excetuando o mesmo *Deucalião* e sua família.

Quem não vê aí, no que se refere a *idade de bronze*, a cópia do Dilúvio universal de que apenas escapou Noé e sua família?

*Idade de ferro.* Começam os poetas esta *idade* na primeira Olimpíada. Diz Ovídio na sua descrição, que naquele tempo começou a tomar força tóda a espécie de abominação; que a modéstia e a justiça desapareceram para darem lugar à insolência, aos roubos, às violências e aos assassinios.

Nesta *idade* se podem contemplar as desgraças do Povo de Deus, depois de acabados os felizes reinados de Davi e Salomão, até ao cativo de Babilônia.

TÁBUAS CRONOLÓGICAS.

*Divisão do tempo conforme as sete idades do mundo.* A História Sagrada divide em sete épocas a série de sucessos desde a Criação do Mundo, a que muitos chamam também de *idade do mundo*, a saber:

*Primeira época.* Desde a Criação até ao Dilúvio universal. Compreende 1656 anos.

*Segunda época.* Desde o Dilúvio até a vocação de Abrão. Compreende 427 anos.

*Terceira época.* Desde a vocação de Abrão até a saída dos israelitas do Egito. Compreende 430 anos.

*Quarta época.* Desde a saída dos israelitas do Egito até à fundação do Templo de Salomão em Jerusalém. Compreende 479 anos.

*Quinta época.* Desde a fundação do Templo de Salomão até ao fim do cativeiro dos judeus em Babilônia. Compreende 476 anos.

*Sexta época.* Desde o fim do cativeiro dos judeus em Babilônia até o nascimento de Jesus Cristo, no ano 4004 da Criação do Mundo. Compreende 536 anos.

*Sétima e última época.* Desde o nascimento de Jesus Cristo até a pregação do Evangelho pelos Apóstolos. Desde então toma a História da Religião Católica o nome de *História Eclesiástica* ou da *Igreja*.

Os cronologistas organizaram tábuas cronológicas para dividir a História em períodos principais, de maneira a facilitar a compreensão do seu estudo. Êsses períodos são:

I. — *História Antiga*, começando com o aparecimento do homem sobre a Terra e terminando com a queda do Império Romano do Ocidente (476 d. C.).

II. — *História da Idade Média*, começando nesta data e terminando com a queda do Império Romano do Oriente (tomada de Constantinopla por Maomé II, no ano 1453 d. C.).

III. — *História Moderna*, começando nesta data e terminando com o início da Revolução Francesa, em 1789.

IV. — *História Contemporânea*, começando nesta data e chegando aos nossos dias.

Para o caso especial do Brasil:

I. — *Época Colonial*, desde o Descobrimento até à elevação do Brasil a Reino pelo príncipe D. João (1500-1815).

II. — *Brasil Reino* (1815-1822).

III. — *Brasil Império* (1822-1899).

IV. — *Brasil República* (1899).

E para terminar diremos que:

*Anacronismo* é um êrro da Cronologia, isto é, no cálculo ou computação dos tempos.

*Sincronismo* é a coexistência de fatos na mesma época ou a boa coordenação dos sucessos com o tempo em que realmente tiveram lugar.

## XXII

### NOMENCLATURA NUMISMÁTICA.

A *Numismática*, como tôdas as ciências e tôdas as artes, usa de uma terminologia especial, empregando têrmos próprios.

Na nomenclatura numismática, que apresentamos em ordem alfabética, estão os têrmos mais usuais usados na ciência da numária.

Nela apreciaremos a moeda e a medalha em suas diversas partes, dando-lhes as respectivas denominações, estudando êsses exemplares no campo da economia e da arte quanto à sua forma, fabricação, cunhagem ou modelação, módulos, relevos, inscrições, conservação, etc. de uma maneira compreensível para o bom andamento do estudo.

### NOMENCLATURA NUMISMÁTICA.

Vamos dar a nomenclatura numismática restrita à terminologia técnica que o estudioso necessita ao ocupar-se do estudo da *Numismática*.

#### — A —

*Abreviaturas* em numismática: as mais características são as que indicam os metais, tais como AI, AR, AE siglados, significando respectivamente ouro (aurum), prata (argentum), cobre (aes), além de BR-bronze, C-Calaim, EST-estanho, F-ferro, N-níquel, P-platina, PL-chumbo (plumbum) etc. A indicação do reverso faz-se tôdas as vêzes por um R maiúsculo, cortado (R/) ou ainda por REV. Na numismática romana, empregam-se as abreviaturas G.B., M.B., P.B. respectivamente, por grande, médio e pequeno bronze.

Desejamos chamar aqui a atenção do estudioso para a consideração de que entre as letras das abreviaturas por suspensão, isto é, que são seguidas com AV de *avrum*, AR de *argentum*, AE de *aes*, etc., não se devem colocar pontos intermédios que indicariam uma suspensão que não existe. O mesmo não se dá quando a abreviatura traduz

uma perífrase como G. B. (grande bronze), M. B. (médio bronze), P. B. (pequeno bronze) etc., onde os pontos têm justificação por corresponderem a uma determinada suspensão.

*Achado*, diz-se ao aparecimento de moedas antigas. Corresponde ao francês "trouvaille" e ao italiano "respostigli".

*Acostado*, é o mesmo que encostado ou ladeado.

*Acrescentada*, diz-se da moeda a que se lhe acrescentou um pedaço de outra semelhante, a fim de adquirir o devido pês, o que aconteceu comumente aos "dirhemes" almorávides que circularam em Portugal, nos primórdios da Monarquia.

*Adulterada*, é a moeda legal que sofreu dolosamente uma alteração, quer no aspecto geral sendo dourada ou prateada, quer particularmente, eliminando ou substituindo um determinado pormenor, com intuitos de especulação comercial ou científica.

*Afilar*, termo antigo no sentido de "aférir"; assim diz o Regimento de 1687:

"... & ter cuidado de que se afilem cada seis meses todos os pesos, & Balanças...".

*Afilador* era o termo antigo para designar "afinador" a que moderadamente chamamos "aféridor".

*À flor de cunho*, estado de conservação de uma moeda ou medalha e que dá a impressão pelo seu estado de apresentação, ter saído de uma prensa de cunhagem da Casa da Moeda.

*Amoedar* é o verbo que exprime a ação de transformar o metal em moeda, isto é, fazendo do metal uma "amoedação".

*Anepígrafa*, *muda* ou *inanimada*, moeda sem letreiro algum.

*Anômala*, é a moeda que por qualquer circunstância sai fora do comum, normal ou vulgar. E' termo paralelo e sinônimo de "singular".

*Anverso* é a face principal da moeda, onde aparecem as figuras das divindades, efígies dos soberanos, letreiros mais importantes como o nome do país, o nome do Estado a que a moeda pertence.

*Apagada* é a moeda cuja gravação de tal modo se puiu, que voltou a seu primitivo estado de chapa. A obliteração pode não ser completa e neste caso a moeda chama-se "gasta", empregando-se também o termo "safada".

**Apógrifa** é o mesmo que falsificada. Etimologicamente significa fabricada posteriormente àquela por que pretende passar.

**Apólice** é uma nota de emergência emitida por um prazo determinado, para resolver momentâneos apuros financeiros.

**Aresmética**, era a antiga forma vocabular de *aritmética*, quando por ela se começou a divulgar no século XVI o conhecimento e prática de fazer as quatro operações com algarismos arábicos, posto que até então se usavam os números romanos, com os quais não se podem fazer operações aritméticas e onde igualmente se ministravam ensinamentos acerca dos “contos para contar”.

**Arruela**, pequeno anel ou círculo muito empregado na ornamentação monetária.

**Avesso** é designação antiga e pouco usada para dizer “reverso”.

— B —

**Bater moeda**, era um dos direitos inerentes à corôa de Portugal.

**Bilhão**, do francês “billon”; os espanhóis dizem “vellon”. O termo genuinamente português, é “bolhão” que assim existia já desde o século XV; a significação de “bolhão” está de acordo com a etimologia proposta para o francês “billon”, de bula. O bilhão é prata com muita liga e portanto baixa; a numismática considera-a metal.

**Bilíngüe**, significa duas línguas; o que em numismática se emprega para designar uma moeda que está escrita em duas línguas, como sucede a determinadas moedas ibéricas com caracteres ibéricos e latinos, o que constituiu um dos melhores subsídios para o estudo interpretativo do alfabeto ibérico.

**Bimetalismo**, sistema monetário dos economistas que sustentam que os dois metais preciosos, o ouro e a prata, devem simultaneamente ter valor legal e ser cunhados em moeda.

**Bolhão**, liga de prata e cobre de que eram feitas antigamente as moedas de somenos valor, como os “dinheiros” durante a primeira dinastia portuguesa, ou ainda nos meados do século XV a moeda divisionária, “espadins” e “cotrins”. A esta liga chamaram os antigos “metal de composição”.

**Bordo** é a espessura da moeda; pode ser liso ou coberto de pequenos sulcos paralelos denominados *serrilha*, diminutivo de serra, ou vulgarmente *sarrilha*, que tem por fim evitar o

cerceio. Quando os sulcos tomam grandes proporções, de modo a deixarem entre si dentes bem distintos, a moeda chama-se *denteada* ou *denticulada* — a que os romanos designavam por “nummus serratus”.

*Braçagem* é o custo da fabricação monetária, qualquer que seja o processo usado, provém de “braço”, como alusão à primitiva “máquina humana” que elaborava as diversas manipulações por que o metal passava até se amoedar. E’ a operação que mais tarde se designou por “feitio e custas do lavramento”.

*Bracteada*, do latim “bractea” que significa delgada fôlha de metal geralmente de cunho grosseiro, apresentando a particularidade do disco monetário ser em forma de concha: côncavo-convexo.

*Bronze* é a liga do cobre com o estanho, constituindo ainda uma expressão genérica para designar as moedas de ligas de metais pobres. Na numismática romana usam-se as denominações de *grande*, *médio* e *pequeno bronze* na descrição das moedas imperiais romanas, segundo o módulo de cada uma.

*Busto*. O busto, que às vêzes não é mais do que a cabeça do imperante, é um dos principais elementos figurativos da moeda. Conforme a posição em que se apresenta, temos:

- de *frente*, como em múltiplos trientes visigodos;
- à *direita*, quando voltado para a direita do observador;
- à *esquerda*, quando voltado para a esquerda do observador;
- *conjugados*, quando dois bustos se sobrepõem parcialmente no mesmo sentido;
- *fronteiros*, quando dois bustos olham um para o outro;
- *opostos*, quando dois bustos estão de costas voltadas um para o outro.

Também às vêzes se usa a denominação de *busto*, quando aparece sòmente a cabeça com parte do pescoço; neste caso é melhor dizer antes — *cabeça*. A figura do soberano encontra-se às vêzes do corpo inteiro, revestindo três formas: *de pé* (como as dobras de D. Fernando); *sertado* (os justos de D. João II); a *cavalo* (nos morabitanos da primeira dinastia).



**Cadinho** ou *crassa* era o instrumento em que se fundiam os metais para as amoedações.

**Calco** o mesmo que “decalque”.

**Campo** é a parte que fica circundada pela legenda e onde está inscrito o tipo ou ainda o espaço vazio, liso, a que se poderia chamar fundo, entre o tipo e a legenda.

**Cantonada** é a expressão corrente na descrição de uma moeda para dizer que, nos quatro cantos duma cruz, por exemplo, ela é cantonada por quatro florões.

**Carimbada** é a moeda que depois de haver entrado em circulação sofre um puncionamento parcial, levado a efeito com um carimbo. Antigamente dizia-se “selada”.

**Carimbo**, expressão genérica para indicar qualquer puncionamento que a moeda tenha sofrido, quer para lhe dar curso legal aumentando-lhe o valor ou regularizá-la sob qualquer aspecto. Costuma-se chamar *contramarca*, ao carimbo que indica um valor diverso do que a moeda tinha.

**Casa da moeda** é a oficina onde o dinheiro se fabrica. E’ expressão que geralmente se emprega com referência aos tempos modernos, pois ao referirmo-nos ao período greco-romano, é mais corrente dizer “oficina monetária”.

**Cédula** é uma circulação fiduciária, a moeda divisionária de papel, cuja conversão é mencionada no cobre.

**Cercadura granulada** ou *pontuada* é o círculo ou circuito de pontos que forma uma circunferência em volta do tipo e junto à orla da moeda.

**Cerceada** é a moeda que sofreu um desgaste ou corte circular feito com a malévola intenção de lhe roubar uma parte do seu metal. E’ a moeda diminuída fraudulentamente no seu pêsó legal.

**Chapa** no campo da numismática tem dois sentidos: a) como disco metálico preparado para receber os cunhos da moeda; b) como último estado de conservação, depois de haver pelo uso perdido a gravação dos seus cunhos.

**Conservação** é o estado geral em que os cunhos da moeda se encontram e cuja apreciação vai desde a moeda *nova* como acabou de sair dos cunhos passando por diversos estados, *soberba*, *muito boa*, *regular*, *cansada* e *má*, até chegar pelo

uso e desgaste do tempo ao estado de chapa, por haver perdido tôda a gravação dos seus cunhos.

*Contorneada* é a moeda que tem um fundo sulco circular junto à orla contorneando o tipo, como uma moldura. E' especialmente na numismática romana que figuram êsses exemplares, conhecidos por "medalhões contorneados".

*Contos, contos para contar* ou de *contar*, eram peças monetiformes de que os antigos se serviam como auxiliar para fazer operações aritméticas.

*Contramarca* é a designação do carimbo colocado numa moeda que já fôra carimbada para alterar o que fôra estabelecido, pelo funcionamento anterior feito pela *marca*: Vid. *carimbo*.

*Cordão* é a serrilha em forma de corda que se empregou especialmente no reinado de D. João V, para substituir a primitiva e singela serrilha.

*Corpo* é o conjunto da gravação monetária. *Moeda encorpada* é a que apresenta o relêvo muito pronunciado, pelo que também se diz *relevada*.

*Cortada* é a moeda que embora se apresente apenas com uma parte da primitiva moeda, se deve considerar com o mesmo interesse como se estivesse inteira, posto que a mutilação tivesse sido uma norma econômico-monetária, como foi antigamente o caso das *medalhas* poderem ser as metades em que os *dinheiros* se podiam cortar.

*Crassa* vid. *cadinho*.

*Crassada* era o metal fundido (na crassa) para a amoedação.

*Cravada* é a moeda que sofreu um aumento de pêso aposto por um cravo do mesmo metal, colocado no centro da moeda e rebatido sôbre ela. Esta operação é peculiar das Índias Ocidentais.

*Cravejada* o mesmo que *cravada*.

*Cruzes* é expressão popular para designar o reverso.

*Cunhagem* é o mesmo que *amoedação* e *lavramento*.

*Cunho* tem duas acepções: a) para designar o ferro em que estão esculpidas as gravações que pela cunhagem ficarão marcadas nos discos metálicos que passarão a ser moedas; b) para designar o conjunto das figurações que a moeda apresenta. Antigamente se fazia a distinção entre *cunho* e *escrita* da moeda, representando aquêla a figuração simbólica

da moeda (bustos reais, armas de nobreza, emblemas religiosos, etc.) e esta as *letras* ou sejam as legendas. Popularmente cunho significava o lado principal da moeda (anverso) por oposição ao reverso, onde geralmente se figuravam as *cruzes* e daí a expressão “cunho e cruzes” e mais modernamente “cara ou cruz”. De uma maneira geral, *cunho* é o tarugo de aço temperado, em cuja superfície se acha gravado em baixo relêvo o desênhô da moeda e com o qual se imprime essa gravura nas chapinhas.

— D —

*Decalque* é a reprodução que se tira de uma moeda decalcando-a e que para melhor salientar o relêvo se fricciona levemente com pó de lapis.

*Denteada* vid. Bordo.

*Descentrada* é a moeda cuja gravação se encontra descentrada em relação ao disco monetário onde ela foi batida.

*Dinheiro* tem igualmente duas acepções diferentes: a) a indicação corrente e genérica para designar o valor econômico da moeda na atualidade; b) antiga designação por que se indicavam as partes em que a liga ou toque da prata se dividia; assim a prata de lei era antigamente de 11 dinheiros, o que significava que em 12 partes da liga, 11 eram de prata e 1 de cobre.

— E —

*Efetiva* é a moeda que existe em espécie; diz-se por oposição à moeda imaginária ou de *conta*.

*Eixo horizontal* ou vertical da moeda é uma linha imaginária que se supõe passar nesse sentido pelo centro da moeda, para indicar a relação entre si da posição dos dois cunhos: anverso e reverso.

*Electro* liga de ouro e prata, prevalecendo esta na proporção de 2/3. Com esta liga foram feitas na Antigüidade algumas moedas gregas e cartaginesas.

*Emergência*, o mesmo que obsidional.

*Engastada* é moeda fabricada com duas qualidades de metal, claramente distintas, uma formando o centro e a outra a orla.

*Encordoada* diz-se da moeda que depois de cunhada levou *cordão*, isto é, uma forma serrilhada ou *encordoada*, para a preservar do cerceio.

**Ensaio** é a peça cuja gravação representa uma experiência, ou estudo de um cunho, quer seja apenas para modificar um cunho existente. Conforme o objetivo, assim se classificam os ensaios. Entretanto, todos os *ensaios* são estudos para uma moeda a ser cunhada, ao passo que as *provas* são os primeiros exemplares feitos depois de um cunho aprovado.

**Epígrafe** vid. letreiro.

**Escala** era um gráfico pelo qual antigamente se determinavam os módulos ou diâmetros das moedas.

**Espíntria**. Nome particular de determinadas tésseras romanas, cujas representações obscenas aludiam aos espetáculos a que davam direito de assistir como senha de entrada. Esses espécimes, que nenhum valor monetário representavam, eram designados antigamente por “lascivia nomismata”.

**Estalada** é a moeda que apresenta a orla e bordos rachados pela força empregada na cunhagem.

**Exergo** (pronuncia-se egzérgo), é o espaço junto a orla que fica por baixo do tipo da moeda, no anverso ou reverso e onde geralmente se encontra a data. Às vezes esse espaço é separado por um traço.

Nas moedas romanas o exergo desempenha papel importante na leitura monetária, como o local onde por via de regra vem mencionada a oficina monetária, sendo assinalado por um característico traço horizontal que o separa do campo, o que todavia não se verifica na moedagem portuguesa.

— F —

**Fábrica de moeda**, na acepção de fabrico de moeda, é expressão antiga que encontramos por vezes nos velhos textos e nada tem que ver com a oficina monetária. “Fábrica” é ali empregado no sentido de fabricação e não de edifício.

**Falsificação**. Nas falsificações temos a considerar dois grandes grupos: o das *moedas falsas* e o das *moedas falsificadas*, ambas lavradas por quem não tem direito de o fazer, sendo portanto ilegal.

— *moedas falsas* são as contemporâneas das verdadeiras, com as quais procuram entrar em concorrência como se fôsem moeda legal;

— *moedas falsificadas* são as que reproduzem moedas fora de uso e cujo fabrico visa a especulação no campo da Numismática.

*Fictícia*, vid. *moeda de conta*.

*Fiduciária*, moeda que representa e circula com um valor que realmente não tem. E' aquela que assenta a sua existência na "fidúcia" ou confiança do Estado.

*Folheadas*, moedas que sendo de ferro, etc., são revestidas de uma fôlha de prata ou de ouro. O mesmo que *forrada*.

*Forrada* é a moeda que sendo estruturalmente de um determinado metal, em geral o cobre, é recoberta com uma película de outro metal, prata ou ouro. Existem autênticas e falsas.

"*Fortes e febres*" é uma expressão antiga para designar *tolerância*.

*Furada* é a moeda que depois de entrar em circulação, apresenta um orifício que a trespassa, o que pode aumentar o interesse pela moeda, se êsse furo tiver um significado histórico, ou ainda tirar êsse interesse se não representar mais do que uma simples mutilação sem significado.

— G —

*Gabinete de numismática* foi o nome vulgarizado nos séculos XVIII e XIX para designar os Museus de Numismática do tempo.

*Garfila*, têrmo arcaico para designar orla.

*Grande bronze*, expressão genérica para designar as antigas moedas romanas de cobre de maior módulo.

*Granulos* ou *pontos*, cercadura granulada.

*Grão*, o menor pêso antigo. Antes da adopção do sistema métrico-decimal, a unidade de pêso usada para as moedas portuguesas era o *marco*, que continha 4.608 grãos. Correspondia o grão a pouco mais de 5 centígramos, ou com maior rigor 0,0542 grs. Vid. *marco*.

*Gravatura* é expressão que encontramos em Frei Vicente Salgado, para designar a gravação dos cunhos.

*Grenetis*, vid. cercadura granulada.

*Grosso*, dizia-se antigamente da espessura da moeda; foi ainda a designação própria de certos reais de prata do reinado de D. Afonso V.

*Hermenêutica numismática* é o estudo interpretativo das moedas e seus atributos.

*Heteróclita* a que por erro de cunhagem contém tipos diferentes: moeda *híbrida*.

*Híbrida*, diz-se da moeda que é feita com elementos diferentes; o anverso com o cunho de uma moeda e o reverso de outra, não passando de uma irregularidade de fabrico monetário. O mesmo que *heteróclita*.

*Imaginária*, vid. moeda de conta.

*Imitada*, diz-se geralmente em sentido depreciativo como sinônimo de falsificada por cópia ou imitação de outra moeda.

*Imprimir* é termo antigo empregado no sentido de cunhar moeda.

*Inanimada*, o mesmo que *anepígrafa*.

*Incerta* é a moeda de que se desconhece a época e fim determinado.

*Incusa* é a moeda cuja gravação aparece convexa de um lado e côncava do outro.

*Inédita* é a moeda que ainda não foi publicada, isto é, cujo conhecimento ainda não foi divulgado em qualquer obra.

*Inscrição*, vid. leitreiro.

*Invertida* é a moeda cujo tipo se encontra invertido em relação à legenda que o circunda.

*Jeton*, vocábulo francês a que corresponde os *contos*, ou *contos para contar*. Peça monetiforme feita de vários metais, usada na Idade Média para fazer contas. *Jeton* é palavra de origem francesa, derivada de "jeter" (jogar); durante a operação do cálculo, costumavam na época jogar as peças dentro de pequenos compartimentos de uma mesa própria onde se acumulavam e depois eram contados quando se obtinha a soma.

*Jus cunni* era a designação latina do direito de bater moeda.

**Latão**, liga de cobre e zinco. Em Portugal nunca se fizeram moedas desta liga, mas tão somente *contos para contar, senhas, tentos, verônicas, etc.*

**Lavragem** é o mesmo que cunhagem da moeda.

**Lavramento** da moeda ou lavramento monetário, é expressão antiga para designar cunhagem da moeda ou amoedação.

**Legenda**, vid. letreiro.

**Letreiro** é o conjunto de letras isoladas, sigladas ou formando palavras e algarismos que figuram na moedagem. Vulgarmente lhe chamam também *legenda*. Conforme a posição da escrita na moeda, assim se denomina:

*Legenda* quando ocupa a orla;

*Inscrição* quando em linhas horizontais no campo;

*Epígrafe* se faz parte do próprio tipo da moeda e dentro de qualquer emolduramento.

**Liga** é a combinação de dois ou mais metais. Diz-se também do metal inferior que está ligado com um metal precioso.

**Ligado** o ouro e a prata que foram fundidos e reduzidos a lingotes para serem amoedados.

**Laminador** é o aparelho ou máquina composta de vários cilindros, que serve para transformar os pequenos lingotes de metal fundido em lâminas, das quais então o sacabocados recorta as chapinhas.

**Marca** é o mesmo que carimbo. Empregado antigamente de maneira geral, para designar o novo valor indicado pelo puncionamento.

**Marco** é padrão de pêso porque se aferiam os metais preciosos, nomeadamente as moedas. O marco era metade da libra-pêso, que constitui a base do sistema ponderável anterior ao decimal. O marco tinha designação e pesos diferentes conforme as regiões. Em Portugal o marco pesava 229,5 grs.

**Marquilha** é a indicação do valor da moeda representada por letras. (LXXX = 80 réis, XX = 20 réis e nas moedas romanas o "V" para o *quinário* e o "X" para o *denário*).

*Matriz* é o cunho primitivo em baixo relêvo, do qual se tira pelo sistema de transporte, os punções com que se fazem os cunhos destinados à cunhagem das moedas.

*Medalha* é uma peça de metal geralmente redonda, fundida ou cunhada em homenagem a um sucesso notável ou pessoal, podendo ser também oval, poligonal, etc. Antigamente até ao final do século passado, era designação genérica dada não só às moedas, como às próprias medalhas. Hoje a medalha faz parte de um estudo — a *medalhística* — cujos objetos são essencialmente comemorativos, ao passo que o que caracteriza a moeda é ser uma medida ou padrão de valor.

A classificação das medalhas desde o Renascimento, séculos XVII e XVIII, até às contemporâneas, têm variado, dependendo é claro, do ponto de vista de cada colecionador.

*Moeda de boa lei*, o mesmo que “moeda corrente”, isto é, sem defeito.

*Moeda conta*, fictícia ou imaginária, é aquela que não existe objetivamente em espécie, mas tão somente “in nomine”. Foi originariamente uma moeda de larga expansão e que embora deixasse de existir como moeda metálica, persistia na contagem do dinheiro, como no caso dos “cruzados”, das “corôas” ou dos “réis”.

*Moeda corrente* é aquela que por obedecer fielmente as prescrições da lei, corre livremente com geral aceitação.

*Moeda cursável* é expressão antiga e que designava moeda corrente, o que sucedia apenas à moeda de boa lei, aceita livremente.

*Moeda falhada*, diz-se da moeda que não soa ao ouvido no sentido de tenir como deveria, mas antes, apresenta um som choco que denuncia qualquer falha no disco metálico, umas vêzes visível, outras vêzes interno.

*Moeda fendida*, vid. Estalada.

*Moeda metálica* é expressão que se emprega para reforçar a qualidade da moeda efetiva ser de metal, por oposição à moeda de papel, fictícia ou ainda de conta.

*Moeda principal*, representa o conjunto das espécies de uma determinada época, de ouro e de prata, por oposição à moeda subsidiária.



*Moeda sonante* é sinônimo de moeda metálica e tira seu nome do som que as suas espécies fazem quando batidas contra uma pedra, para verificação sonora do toque.

*Moeda subsidionária*, divisionária ou “moeda de troco”, é a pequena moeda de bronze, cobre, níquel, alpaca, etc. e de menor valor num determinado sistema monetário.

*Moedário*, medalheiro em que somente se guardam moedas.

*Moeda* é o lingote ou disco metálico, padrão de valor emitido com símbolos próprios garantindo o seu toque e pêso, pela autoridade suprema da Nação a que pertence. Quanto ao fabrico, as moedas podem ser:

*Cunhadas*, as que procedem de um cunho;

*Fundidas, moldadas* ou *modeladas*, quando obtidas por molde;

*Forrada* ou *folheada*, a que tem âmago de metal inferior, cobre ou ferro e está revestida de uma capa de ouro ou prata, dando a impressão de na realidade serem moedas cunhadas nestes metais. Por êste motivo os soldados romanos ao receberem o seu soldo, tinham por hábito serrar o bordo das moedas e é êste o motivo do aparecimento das moedas serradas “nummo serrato”.

*Incusa* é a moeda moldada cujo tipo do reverso é o mesmo do anverso (baixo relêvo), aparecendo convexa de um lado e côncava do outro.

*Engastada*, é a moeda ou medalha cunhada em disco formado por dois metais diferentes, engastados um no ouro.

Quanto às peças cunhadas, temos ainda os seguintes termos: recunhada, contramarcada ou carimbada, estalada, rebatida ou amassada, anômala, heteróclita ou híbrida, como já tivemos ocasião de explanar.

*Moeda amassada* ou de cunhos amassados, significa que tem o metal pisado de tal forma, que o seu tipo se apresenta violentamente destruído, “neste lugar o bronze está tão amassado que não se pode ver o resto das letras”.

*Moeda bárbara* é uma designação genérica para indicar as moedas de cunho tosco, como as moedas cunhadas pelos suevos na península Ibérica, imitando as romanas.

*Medalhão* é uma medalha de módulo grande, tendo-se tornado hábito classificar sob essa denominação os exemplares maiores de 7,5 mm. Durante longos anos foi uso chamar tôdas as medalhas romanas de “medaillon”, até mesmo as “con-tornadas” (jetons de cálculo) praxe hoje abandonada.

**Medalheiro** é a coleção de medalhas devidamente classificada. Denomina-se assim também o móvel com uma série de gavetas muito baixas, onde se guardam medalhas e moedas; provém da antiga designação de “medalhas” dadas às moedas. O artista que faz medalhas.

**Medalhista** é a designação aplicada ao gravador de medalhas. A pessoa que se dedica ao estudo das medalhas, publicando trabalhos sôbre êste ramo de erudição.

**Medalhística** é a ciência que se ocupa no estudo das medalhas.

**Medalhístico** é etimològicamente o vocábulo que designa o que se refere à medalha e por extensão se pode designar o cultor da medalhística.

**Milésimo** é título de fino, quando se refere ao metal precioso expresso em milésimas partes em relação à unidade de 1.000. vid. Quilate.

**Minguada** é expressão antiga que designava moeda de toque baixo, minguado, de pequeno valor.

**Miniatura** é uma redução monetária ou medalhística, feita mais como ensaio industrial, para mostrar a perícia da máquina de reduzir (pantógrafo).

**Módulo** é expressão para designar o diâmetro da moeda ou da medalha; o módulo é hoje apreciado em milímetros; usaram-se escalas mais ou menos perfeitas para determinar o diâmetro das moedas, sendo as mais conhecidas a de Mionnet, a de Neumann e a de Appel. Os inglêses medem-nas em linhas ou fracções de polegadas.

**Moedeiros** eram funcionários das Casas de Moeda que assumiam o compromisso mediante juramento, de ficar à disposição do Provedor, quando fôssem chamados a trabalhar.

Êstes funcionários não recebiam remuneração, mas em compensação usufruíam uma série enorme de regalias que a lei lhes garantia. Na sua maioria, eram “pessoas recomendáveis por sua posição ou bens de fortuna”.

**Monograma**, conjunto de letras entrelaçadas formando um só bloco e sendo por vêzes as iniciais de várias palavras que constituem um nome de pessoa ou uma frase consagrada.

**Monometalismo**, vid. Sistema monetário.

**Muda**, moeda muda, o mesmo que anepígrafe ou inanimada.

*Nota* é a moeda principal de papel, conversível numa circulação fiduciária em ouro ou prata, o que não sucede com as cédulas, cuja conversão pelo menos “in nomine” visa o cobre.

*Nova* ou *novinha*, diz-se da moeda cujo estado de conservação é tão belo, como no sair dos cunhos. Corresponde “a flor de cunho”. vid. Conservação.

*Numária*, vid. Numismática.

*Numerário* é a designação do valor econômico da moeda, como sinônimo da expressão mais corrente — dinheiro.

*Numisma* significa moeda em latim, o que sem embargo se pode dizer em português, geralmente com referência às moedas antigas. Do grego *Nómisma* (em português esta palavra é do gênero masculino — um numisma — e não — uma numisma — como erradamente costumam dizer.

*Numismalogia*, foi como no século XVIII vários autores designaram a ciência das moedas ou Numismática.

*Numismata* é aquêle que professa a Numismática; antigamente diziam: “numismático”, assim como eruditamente se pode designar também por “numismólogo” como o cientista das moedas, ou “numismógrafo” o escritor de assuntos numismáticos.

*Numismática* é a ciência que estuda as moedas antigas, classificando-as e descrevendo-as. Antigamente, do século XVIII para cá, empregaram-se para designar o estudo das moedas antigas, várias expressões de raiz comum “nummus” (moeda), tais como: *numária*, *numismatologia*, *numismatografia* e finalmente a que prevaleceu — *numismática*.

*Numismático*, vid. Numismata.

*Numismatologia*, vid. Numismática.

*Numismógrafo*, vid. Numismata.

*Numismólogo*, vid. Numismata.

*Numofilácio* significa coleção de moedas para estudo ou satisfação de quem a possui. Vid. monetário e medalheiro.

*Obsidionais* ou de *necessidade* é a moeda cunhada em circunstâncias anormais, geralmente em tempo de guerra e por vê-

zes para ocorrer às necessidades resultantes de um cêrco, donde lhe veio o nome “obsídio” — “obsidionales”.

*Óbulo* era uma barra de metal que nos tempos primitivos foi adotada como padrão monetário e 6 dessas barras, que era a quantidade que cabia na concha da mão, tinha o nome de *dracma*.

*Oficina monetária*, vid. Casa da Moeda.

*Oitava*, pêso antigo de 3,585 grs.

*Onça*, pêso antigo equivalente a 1/16 partes de um arratel ou 28,687 gramas.

*Orla* é a extremidade da moeda junta ao bordo, o que por vêzes é assinalado por um círculo liso ou uma cercadura pontuada. Vid. Garfila.

*Orlada* é a moeda que depois de cunhada, se lhe applicou uma “nova orla”.

— P —

*Padrão monetário* é um modelo ou bitola porque a moeda é aferida ou no seu fabrico (padrões de pêso e padrões tipo); para o seu confrônto depois de cunhada (padrões monetários e pesos monetários).

*Página* significa um dos lados da moeda, isto é, anverso ou reverso, como páginas anterior e posterior da moeda.

*Pátina* ou verdete, é um óxido (carbonato de cobre hidratado) que pela umidade se forma à superfície das moedas de bronze ou de cobre no decorrer dos séculos. Algumas vêzes essa pátina é produzida artificialmente. As tonalidades variam, sendo as mais estimadas as que se apresentam com a cor mais esverdeada.

*Pecúnia* de “pecus”, gado, que antigamente fôra dinheiro, com o mesmo significado que ainda hoje tem.

*Pêso-monetário* era o pêso cuja função se destinava à verificação do pêso da moeda a que êle correspondia.

*Pontuada* é a moeda circundada de pontos, isto é, terminada por um círculo ou circuito de pontos ou grânulos.

*Prata-limpa*, diz-se da prata de lei que na moedagem portuguesa foi sempre de 11 dinheiros.

*Propina* era a designação dada à quantia que determinados funcionários da Moeda e da Côrte recebiam antigamente, por ocasião do lavramento de novo dinheiro.

**Prova**, diz-se dos primeiros exemplares cunhados depois de aprovado determinado cunho monetário. Esses exemplares apresentam por vêzes a palavra *prova* feita a punção.

**Pseudo-incusa** é a moeda que por imperfeição de fabrico apresenta o mesmo cunho de ambos os lados, um em relêvo e o outro em côncavo, o que se explica quando depois de cunhar uma moeda, ela não chega a ser retirada e sôbre ela se coloca outro disco, recebendo assim dos dois lados o mesmo cunho, um dos quais invertido.

— Q —

**Quebrada**, moeda de uma liga inferior a determinado lavramento, o que acontecia quando se quebrava a moeda.

**Quebrar a moeda** consistia no direito que os antigos monarcas tinham de aumentar a diferença entre o valor nominal e o intrínseco, ora sobrecarregando a liga, depreciando a moeda, ora subindo o valor nominal. Antigamente era tão comum o costume dos soberanos *quebrarem a moeda* ou *alçarem a moeda*, que tal fato se tornou uma prática inerente ao direito que tinham de cunhar moeda. Tem o mesmo significado quando se diz *levantar a moeda*, ou como diziam os antigos na língua do Lácio — *infractio monetæ*.

**Quilate** é a unidade pela qual se designa o título do ouro ligado a outro metal. Para o ouro ainda é usado o têrmo quilate e para a prata modernamente é costume exprimir o título em milésimos. Arbitrariamente foi estabelecido o fator 24 quilates (do árabe *quilate* que significa máxima perfeição) para a unidade do ouro puro e para a prata foi adotado o de 12 dinheiros para a mesma unidade. O quilate também é ainda hoje uma unidade de pêso no comércio de diamantes e outras pedras preciosas. (1 quilate métrico = 0,2 grs.). O quilate corresponde à 24a. parte da onça.

— R —

**Rebordada** é a moeda que depois de haver sido cunhada, sofre uma nova operação com o fim de lhe applicarem um “cordão” ou “serra” sôbre o bordo para evitar o cerceio. Também se diz encordoada ou serrilhada, conforme seja um cordão ou serra que lhe tenha sido applicada.

**Rebordo** é a saliência circular junto ao bordo que preserva a gravação da moeda quando ela assenta numa superfície lisa ou é empilhada.

**Recunhada** é a moeda em que se vislumbram vestígios de cunhos sobrepostos.

**Redução monetária**, vid. miniatura.

**Relevada**, vid. corpo.

**Relêvo** é a saliência para a gravação que a moeda apresenta; nos exemplares gregos, os relevos são de rara beleza.

**Repetida** é a moeda que por ensaio ou por engano apresenta o mesmo cunho de ambos os lados.

**Ressaltada** é a moeda em que os cunhos se vêm duplicadamente sobre o disco monetário em virtude de duas pancadas por deslocação do disco ou do próprio cunho.

**Restituída** é a moeda cujo tipo foi copiado, restituído novamente, o que se verifica inúmeras vezes na numismática romana, como homenagem ao passado. Não devemos confundí-las com as "moedas imitadas".

**Retalhos** ou sizalhas são os restos que ficam das chapas laminadas, depois de separados os discos monetários no sacabocados.

**Reverso** é o lado de importância secundária da moeda, oposto ao anverso e cujos elementos constituem a continuação das legendas do anverso com os atributos acessórios, tais como o valor, a data, etc.

**Revés**, designação popular para indicar o reverso da moeda ou medalha. Vid. reverso.

**Rilheira** é o molde onde se deita o metal liquêfeito que, depois de esfriado fica em longas réguas para serem laminadas.

**Rosto** é sinônimo de anverso da moeda.

— S —

**Safada**, antigamente "çafada", era a moeda cujos cunhos se encontravam muito gastos ou cansados. Vid. conservação.

**Sêlo** é expressão antiga para designar carimbo ou marca.

**Senha**, peça geralmente monetiforme que tem tido várias aplicações: senhas de presença, reconhecimento, etc.

**Senhoreagem** é o benefício pertencente à entidade em nome de quem a moeda é batida e que resulta da diferença entre o valor intrínseco acrescido da braçagem e o valor nominal atribuído à moeda.

**Serrilha** é a gravação feita no bordo das moedas para as preservar do cerceio. Tira o seu nome de "serra", pela semelhança

desta com a configuração dos sulcos feitos no bordo da moeda. A serrilha apresenta várias modalidades, podendo ser estriada verticalmente, obliquamente à direita ou à esquerda. Quando o bordo é marcado com linhas ou filetes muito leves, impressos no sentido longitudinal, é denominado “azulado” (*azuré* dos franceses). A serrilha pode ter ainda a forma de cordão ou torçal; às vezes se apresenta com um sulco longitudinal, tendo ou não pequenos traços verticais de um e outro lado do sulco, em torno do bordo, dando idéia de um verme; a serrilha tulipada com ornatos em forma de tulipas; serrilha floreada, também chamada folhuda ou em espinha de peixe; serrilha em forma de aspas; serrilha em forma de xadrez; em arruelas ligadas umas às outras; a serrilha denominada de corda de poço e ainda serrilhas com inúmeros desenhos.

**Sifata** (antigamente *scyphata*), moeda cujo nome provém da sua forma de taça, ou “*scyphus*” côncavo-convexa. Esta forma era vulgar nas moedas bizantinas e ao que se julga, para que as delgadas lâminas metálicas com que eram fabricadas, oferecessem maior resistência.

**Sigla** é a letra isolada que constitui a inicial de um nome.

**Símbolo** é a representação figurada de uma idéia, pessoa ou coisa constituindo uma linguagem gráfica que desempenha na arte monetária, função de grande importância.

**Sinal de lavramento** ou sinal indicativo do lavramento, são pequenos sinais que aparecem no campo das moedas; na Idade Média, serviam para referendar a que lavramento dizia respeito determinada moeda. Vid. sinal oculto.

**Sinal oculto** é o que aparece no campo das moedas, especialmente da Idade Média, para indicar o local da fábrica e os moedeiros.

**Singular**, vid. anômala.

**Sistema monetário** é a relação ponderal existente entre tôdas as moedas de uma nação numa determinada época e cuja relação se encontra referendada à *unidade monetária* desse sistema. Os sistemas monetários dizem-se “monometalistas” ou “bimetalistas”, conforme assentam o seu padrão em um ou dois metais nobres: ouro ou prata.

**Sizalhas**, vid. retalhos.

**Sobrecarga**, expressão genérica para designar “carimbo” ou “contramarca”.

**Subsidiária**, vid. moeda subsidiária.

*Tamanho* era expressão antiga para designar o módulo da moeda.

*Téssera*, nome genérico dado às senhas, fichas ou tentos de espetáculos, jogos, etc. de que os romanos se serviam sob a designação de "tesserae".

*Tesserologia* é a ciência que estuda as tésseras e que por extensão se ocupa de todas as peças monetiformes, cujo estudo não cabe na Numismática nem na Medalhística, como sejam os contos, senhas, fichas, tentos, etc.

*Tipo* da moeda é o conjunto das gravações que a caracterizam.

*Título*, vid. Toque.

*Tolerância* é a oscilação de peso que uma moeda pode ter, permitida pela lei.

*Toque* ou título é a liga metálica de que a moeda é fabricada, dizendo-se *quilates de ouro* e *dinheiros de prata*.

*Única* é a moeda que constitui o único exemplar conhecido desse tipo.

*Unidade monetária* é o padrão de valor básico de um sistema monetário. Vid. sistema monetário.

*Uniface* é a moeda cujo disco monetário foi cunhado somente de um lado e portanto, com o reverso liso.

*Valor de uma moeda*, varia conforme o aspecto em que elle se encara; assim ella pode ter quatro valores diferentes conforme o ponto de vista *nominal*, *intrínseco*, *facial*, *estimativo* e *equivalente*.

*Variante* é a moeda que sendo do mesmo tipo daquela com a qual se relaciona, apresenta contudo diferenças de pormenor, o que se dá especialmente com referência às moedas batidas pelo antigo sistema do martelo.

*Venera* o mesmo que insígnia ou condecoração.

*Verônica*, medalha religiosa antiga, geralmente de latão.

*Verso* é o mesmo que reverso.